



SOCIEDADE
PSICANALÍTICA
ONLINE

(R)EVISTA

Periódico da Sociedade Psicanalítica Online

**Dossiê: O que se transmite
em psicanálise**



Ano 1. 1º Semestre de 2026. 1ª Edição.

Conselho Editorial

Daniel Gostautas
Eduardo Ferreira do Amaral Filho
Eduardo Lucas Andrade
Luiz Felipe Zanini
Marco Antonio Milleo de Oliveira Junior
Marilda Piccolo
Rosângela Soares Cavalcanti



155

A485r Amaral Filho, Eduardo (ed.)

2025 (Re)Vista—Periódico da Sociedade Psicanalítica Online : Dossiê Temático “o que se transmite em psicanálise”, v.1. , n.1. / Editor Eduardo Amaral Filho. Rio de Janeiro : Sociedade Psicanalítica Online, 2025.

55 p.

ISSN:

Anual, (nov/dez.2025)

Disponível em: periodicorevistaspo@gmail.com

1. Psicanálise-Pesquisa-periódicos. I. Título.

CDD: 155

Responsável pela Ficha Catalográfica: Diná Maria Mendonça CRB6: 2044

Editorial

A Sociedade Psicanalítica Online tem o prazer de apresentar seu periódico institucional, um espaço dedicado à promoção da escrita e à circulação de ideias no campo psicanalítico. O periódico nasce com o objetivo de incentivar a transmissão escrita, divulgar produtos de cartéis, compartilhar produções dos seminários, dar visibilidade às pesquisas desenvolvidas pelos Núcleos de Investigação e Pesquisa e tornar conhecidas as ações institucionais da escola.

Destinado principalmente aos associados da Sociedade Psicanalítica Online: Escola de Formação Continuada, o periódico “(Re)Vista” também se abre a demais interessados na psicanálise, oferecendo conteúdos que dialogam com diferentes perspectivas da prática clínica, da pesquisa e da experiência institucional.

A publicação será realizada em formato digital, com periodicidade anual, e contará com uma equipe editorial qualificada, revisores e diagramadores que garantirão a qualidade técnica e estética da publicação.

A linha editorial do periódico abrange temas centrais da psicanálise, incluindo ensaios teóricos, experiências institucionais, estudos de caso clínico, relatos de supervisão, interlocução interdisciplinar e a perspectiva do analisante. Textos podem ser submetidos por associados, pesquisadores ou convidados, sendo avaliados quanto à originalidade, relevância, clareza, coesão e aderência à linha editorial, seguindo critérios éticos e de confidencialidade.

Entre os tipos de textos aceitos, destacam-se editoriais, dossiês temáticos, artigos e ensaios teóricos ou clínicos, relatos de experiência, estudos de caso, entrevistas, resenhas críticas e crônicas ou ensaios literários. Essa diversidade permite que o periódico seja um espaço plural, refletindo a riqueza da produção psicanalítica e promovendo a troca de conhecimentos e experiências.

Por fim, a publicação do periódico (Re)Vista se compromete com a melhoria contínua, coletando feedback dos leitores e colaboradores, avaliando internamente seus processos e ajustando as edições seguintes para consolidar um periódico de referência, que represente com rigor e criatividade a produção da Sociedade Psicanalítica Online.

Eduardo Amaral

Índice

Editorial	p. 3
Histórico Institucional e Tema da Edição	p. 5
Artigo: Transmissão em psicanálise: entre ensino e experiência.....	p. 7
<i>Rosângela Soares</i>	
<i>Zélia Signoretti</i>	
Ensaio: Ser tocado pela palavra: o lugar do afeto na escuta clínica.....	p.19
<i>Luiz Felipe Zanini</i>	
Artigo: Psicanálise e Literatura: a palavra que rasga o silêncio.....	p.28
<i>Marilda Piccolo</i>	
Estudo de Caso: Um sonho sem face.....	p.40
<i>Laís Pereira</i>	
Relato de Experiência: Supervisão como ato de transmissão: um caso, muitos olhares.....	p. 43
<i>Daniel Gostautas</i>	
Artigo: O Discurso do Capitalista na Hiperconectividade: O Algoritmo, o Mais-de-Gozar e a Produção do Sofrimento pelo Excesso.....	p.46
<i>Marco Antonio Milleo de Oliveira Junior</i>	
Resenha Crítica - Livro: Análise, Vera Iaconelli.....	p.61
<i>Marilda Piccolo</i>	
Espaço Cultural – Crônica: QUANTO VALE UM PEQUI “RUÍDO”.....	p.63
<i>Marilda Piccolo</i>	
Agradecimentos	p.65
Expediente	p.66

Histórico Institucional e Tema da Edição

Eduardo Amaral



BREVE HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO

No dia 10 de setembro de 2020, enquanto as escolas e sociedades de psicanálise tinham praticamente todas as suas atividades interrompidas pelos efeitos da pandemia de COVID-19, nascia a Sociedade Psicanalítica Online. Com todas as suas atividades no campo virtual, a SPO não nasceu como uma escola de formação em psicanálise, foi se tornando. A princípio, tratava-se de um espaço (nas redes sociais), não geográfico, que possibilitava o encontro de psicanalistas e pessoas interessadas na psicanálise para estudo continuado. Essa raiz está viva, fazendo com que a SPO receba, sem nenhum tipo de restrição, analistas membros de outras escolas.

Os seminários estavam ali desde o início, como um pontapé inicial, um passo de largada para a SPO, como sociedade psicanalítica nos moldes de Freud e Lacan. E ainda quando nenhuma outra escola de psicanálise havia possibilitado isso, a SPO propôs a atividade de cartéis totalmente virtuais, juntando pessoas do Brasil inteiro e mesmo de fora dele.

Atualmente, a Sociedade Psicanalítica Online conta com seminários, cartéis e muitas outras atividades próprias da contemporaneidade, como lives, acervo digital (especialmente em seu canal YouTube), espaço público e democrático para transmissão, roteiro para os que chegam, formação inicial, jornadas e núcleos de investigação e pesquisa.

A missão da SPO enquanto escola de formação continuada totalmente online é promover encontros científicos, trocas e contato pessoal dos associados entre si e com os membros mais experimentados da sociedade, através de seus dispositivos próprios (seminários, cartéis, supervisão, etc.).

E agora, através da “(Re)Vista - Periódico da Sociedade Psicanalítica Online”, mais do que nunca, a escola também tem como objetivo indicar, produzir e fornecer literatura especializada, bem como conteúdos digitais.

CONTEÚDO DA EDIÇÃO

O que se transmite em psicanálise? Eis uma pergunta que, desde Freud e de modo decisivo em Lacan, atravessa nossa prática e nossa experiência em instituições de formação continuada. Ao contrário de um saber acumulável, transmissível como se fosse informação, a psicanálise nos convoca a interrogar: o que é que se transmite quando se fala de análise?

Lacan advertia que a psicanálise não se transmite como uma doutrina fechada, mas pela via de um discurso que faz trabalhar o inconsciente. Nesse sentido, a transmissão não se confunde com a repetição de conceitos, mas com a sustentação de uma experiência que permite a cada um reinventar sua relação com o desejo e com a verdade que lhe é própria. Trata-se, pois, de uma transmissão que se dá na falta, no intervalo, no que escapa ao domínio do mestre.

É a partir desse ponto que esta primeira edição da (Re)Vista se propõe a reunir diferentes vozes, experiências e escritas que se inscrevem nesse campo. Abre-se espaço para que a transmissão se dê na forma de artigos, relatos, resenhas, entrevistas e ensaios, sustentando a pluralidade e a vitalidade de nossa comunidade.

A Sociedade Psicanalítica Online nasceu justamente de um gesto de transmissão: criar, no campo virtual, um lugar de encontro, estudo e elaboração em psicanálise. Foi a partir do movimento constante de interlocução que a SPO se constituiu como escola de formação continuada. Hoje, com a criação deste periódico, reafirmamos esse gesto inaugural: transmitir a psicanálise em seus diversos modos de dizer, pensar e escrever.

Assim, este número convida o leitor a percorrer a questão que nos orienta: O que se transmite em psicanálise? Não para encerrá-la em uma resposta definitiva, mas para manter vivo o trabalho de elaborá-la em ato. Que cada texto aqui presente seja, então, não apenas um produto, mas um convite à experiência da transmissão que a psicanálise carrega.

Artigo

Transmissão em psicanálise: entre ensino e experiência

Rosângela Soares[1]

Zélia Signoretti[2]



Resumo

O presente artigo discute a transmissão da psicanálise em sua passagem de Freud a Lacan, abordando o retorno à letra freudiana, o ensino lacaniano, seus dispositivos institucionais e a atualidade da formação analítica. Mostra-se que, tanto em Freud quanto em Lacan, a transmissão não se confunde com o ensino de conteúdos, mas diz respeito a uma experiência que transforma o sujeito. Por fim, reflete-se sobre o debate contemporâneo no Brasil em torno da inserção da psicanálise na universidade, reafirmando a ética do desejo e da experiência que torna a transmissão da psicanálise sustentável.

Palavras-chave: Psicanálise; Transmissão; Experiência; Ensino.

Abstract

This article discusses the transmission of Psychoanalysis from Freud to Lacan, addressing the return to Freudian texts, Lacanian teaching, its institutional devices, and the relevance of analytical training today. It shows that, in both Freud and Lacan, transmission is not simply the teaching of content, but rather an experience that transforms the subject. Finally, it reflects on the contemporary debate in Brazil regarding the inclusion of Psychoanalysis in universities, reaffirming the ethics of desire and experience that makes the transmission of Psychoanalysis sustainable.

Keywords: Psychoanalysis; Transmission; Experience; Teaching.

Ano 1. 1º Semestre de 2026. Edição 1.

A mãe reparou que o
menino
gostava mais do vazio, do que do
cheio.
Falava que vazios são maiores e até
infinitos.
Com o tempo aquele
menino
que era cismado e
esquisito,
porque gostava de carregar água na
peneira.
Com o tempo descobriu
que
escrever seria o
mesmo
que carregar água na peneira.
(BARROS, 2001, s/p.).

Introdução

O termo transmissão deriva do latim *transmissio*, de *transmittere*, que significa “fazer passar além”, “enviar através de”, “passar adiante”. Curiosamente, a própria etimologia já traz algo da ideia de passagem, aquilo que se transfere e, ao fazê-lo, se transforma. Essa ideia será fundamental para pensar a transmissão em psicanálise: o que se transmite nunca é idêntico ao que se recebeu, pois envolve sempre uma experiência singular, marcada pela palavra e pela posição de quem a enuncia.

A questão da transmissão acompanha a psicanálise desde a sua origem. Freud, em suas cartas e conferências, buscava modos de dar forma ao que descobria, de dividir com outros algo que ele próprio ainda tentava compreender. Mas, desde então, a transmissão da psicanálise nunca se confundiu com a de um saber acabado, nem tampouco com a lógica acadêmica tradicional.

Como o próprio Freud afirma nas *Conferências Introdutórias à Psicanálise* (2014, p. 25): “A psicanálise é algo que aprendemos, em primeiro lugar, em nós mesmos, mediante o estudo de nossa própria personalidade”. Essa dimensão da experiência pessoal como condição de aprendizado da psicanálise será reafirmada em outros textos de Freud.

Ano 1. 1º Semestre de 2026. Edição 1.

No texto *Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?* (1919), Freud destaca a importância do tripé formativo na constituição do analista:

Pois o que ele necessita teoricamente pode ser obtido na literatura especializada e aprofundado nas reuniões científicas das sociedades psicanalíticas, assim como na troca de ideias com os membros mais experientes. Quanto à experiência prática, além do que aprende na análise pessoal, ele a adquire ao tratar pacientes, sob aconselhamento e supervisão de colegas já reconhecidos.

Dessa forma, Freud já indicava que o ensino de conceitos não se confunde com a transmissão da psicanálise, pois esta depende da experiência subjetiva e da ética que orienta a prática analítica.

Lacan, retomando essa problemática, mostrou que a psicanálise não se transmite como um corpo de doutrina, mas a partir da experiência, do ato e da posição ética do analista. Daí sua afirmação decisiva, na *Proposição de 9 de outubro de 1967* sobre o psicanalista da Escola (Lacan, 2003, p. 248): “[...] o analista só se autoriza por si mesmo”.

A formação do analista, portanto, não pode ser equiparada à formação universitária, uma vez que ela exige o tripé indissociável da análise pessoal, da supervisão e do estudo permanente. Trata-se, antes, de um percurso singular e intransferível, que não se conclui em diplomas, mas se sustenta no desejo do analista e na experiência clínica.

Esse ponto ganha especial atualidade no debate brasileiro contemporâneo, em que se discute a possibilidade de criação de uma graduação em psicanálise. Tal proposta, ao tentar enquadrar a psicanálise nos moldes universitários, ignora justamente sua especificidade: o fato de que o analista não “se forma” segundo critérios acadêmicos, mas se constitui na travessia de sua própria análise e na experiência da clínica. Assim, ao longo deste artigo, revisitaremos as formas de transmissão em Freud, a releitura de Lacan e, por fim, os desafios atuais da transmissão, reafirmando o caráter ímpar e contínuo da formação do analista.

A pré-história da transmissão: as cartas a Fliess

Antes mesmo da formalização institucional, a transmissão da psicanálise se inaugura num gesto de endereçamento, e talvez seja este gesto o que melhor define a sua natureza. As cartas freudianas endereçadas a Fliess constituem o primeiro espaço de elaboração em que Freud procura dar forma à experiência inédita que começa a se desenhar: a descoberta da psicanálise. Trata-se de um tempo em que as concepções emergem atravessadas por dúvidas, reformulações e impasses, revelando uma escrita, na qual pensamento e experiência se produzem simultaneamente.

Fliess ocupa, neste contexto, uma função que mais tarde seria nomeada por Jacques Lacan como a de sujeito suposto saber. É a ele que Freud dirige suas hipóteses, suas perplexidades e as tentativas de organização conceitual do novo campo que se abre. Esse endereçamento, no entanto, não se configura como um ensino, mas como a necessidade de partilhar uma experiência ainda sem nome, que exige um outro para que possa adquirir consistência simbólica. É nesse ponto que se pode situar a origem da transmissão da psicanálise, não como a simples passagem de um saber já constituído, mas como o esforço de dar forma, em ato, a um pensamento em curso.

Quando escreve a Fliess, Freud não ensina, inventa. Cada carta é tentativa, tropeço, avanço, criação. A correspondência deixa de ser um registro para se tornar o lugar onde as hipóteses se fazem e desfazem ao compasso da clínica. É ao dirigir sua escrita a um interlocutor que a experiência em curso passa a circular. Eis aí a transmissão: não como um ensino formal, mas como o gesto que tenta dar contorno ao que ainda não tem nome. Essa invenção compartilhada funda o modo próprio da transmissão psicanalítica.

As cartas a Fliess, portanto, não pertencem apenas à gênese histórica da psicanálise, mas à sua própria estrutura. Elas mostram que toda transmissão analítica se apoia, desde o início, na presença de um outro que ocupa o lugar de destinatário de um saber em elaboração, um lugar sem o qual não há transmissão possível.

Primeiros espaços institucionais de transmissão: as sociedades psicanalíticas

As sociedades psicanalíticas desempenharam, desde o início, um papel central na transmissão da psicanálise. O primeiro núcleo organizado surgiu em Viena, em 1902, quando Freud convidou alguns médicos e interessados a se reunirem semanalmente em sua casa para discutir textos e casos clínicos. Esse grupo inicial ficou conhecido como Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras (Psychologische Mittwoch-Gesellschaft). Em 1908, já ampliado e formalizado, transformou-se na Sociedade Psicanalítica de Viena (Wiener Psychoanalytische Vereinigung), considerada a primeira instituição oficial da psicanálise.

A partir dessa fundação, a psicanálise passou a se difundir por meio de sociedades criadas em diferentes países, como a Sociedade Psicanalítica de Berlim (1910) e a de Londres (1913), que se tornaram centros de referência internacional. No mesmo ano de 1910, em Nuremberg, foi criada a Associação Psicanalítica Internacional (IPA), com o objetivo de articular as diversas sociedades locais em uma rede institucional.

Com o tempo, e sobretudo após as cisões que marcaram a história da psicanálise, notadamente entre as sociedades filiadas à IPA e os grupos lacanianos formados após a dissolução da Escola Freudiana de Paris, em 1980, novas formas institucionais surgiram, todas tendo como eixo a questão da transmissão. Seja nos moldes da IPA, com sua tradição de sociedades nacionais e internacionais, seja nas escolas de orientação lacaniana, que introduzem dispositivos como o passe para testemunhar a passagem de analisante a analista, mantém-se o mesmo princípio fundamental: a transmissão da psicanálise não se dá por títulos universitários, mas pela experiência e pela inserção em uma comunidade de trabalho.

Ainda hoje, as sociedades psicanalíticas constituem-se como lugares de enodamento entre ensino e experiência, preservando a especificidade da formação do analista. Por meio de seminários, jornadas, supervisões individuais e em grupo, discussões clínicas e passes, dão continuidade a uma tradição iniciada por Freud, a de sustentar a transmissão da psicanálise em instituições próprias, que não se confundem com a academia, mas asseguram que o saber psicanalítico permaneça vivo e aberto ao real que o funda.

As conferências: Freud apresenta a clínica como sustentação do ensino

Outro dispositivo fundamental de transmissão na obra de Freud foram as Conferências. Diferentemente do ensino acadêmico tradicional, estruturado em currículos e disciplinas, as Conferências funcionavam como espaços de partilha de um saber em movimento, sustentado na prática clínica e voltado tanto a médicos quanto a leigos.

Nas Conferências Introdutórias à Psicanálise, proferidas entre 1916 e 1917 na Faculdade de Medicina de Viena, Freud apresentava os fundamentos da psicanálise em estreita articulação com a experiência. Embora realizadas em ambiente universitário, não tinham o caráter de aulas formais: tratava-se de introduzir o público à experiência do inconsciente, tomando os casos clínicos como ponto de partida para a elaboração conceitual.

O mesmo espírito esteve presente nas Conferências de 1909 nos Estados Unidos, na Universidade de Clark, quando Freud apresentou sua teoria a um público internacional de médicos, psicólogos e intelectuais. Mesmo diante de uma plateia acadêmica, sua transmissão manteve-se fiel ao princípio de que a psicanálise não se ensina como técnica, mas se transmite pela via da experiência e da singularidade dos casos.

As conferências, portanto, evidenciam uma dimensão essencial da transmissão em psicanálise: trata-se de um ensino, mas não no sentido acadêmico. São mediações entre o saber teórico e a experiência clínica, que permitem a circulação das descobertas psicanalíticas sem reduzi-las a um currículo ou manual. Assim, a transmissão freudiana preserva sua especificidade, isto é, sustenta-se na prática e na ética da escuta, mais do que na lógica do ensino universitário.

A publicação dos casos clínicos: transmissão pela experiência singular

Outro importante dispositivo de transmissão utilizado por Freud foi a publicação dos casos clínicos, que se tornaram um meio privilegiado de ensino pela via da experiência. Longe de apresentar uma técnica a ser reproduzida, Freud narrava cada caso como um processo vivo de descoberta, no qual o saber do analista se constrói a partir do encontro com a singularidade do sujeito.

Textos como *O caso Dora* (1905), *O homem dos ratos* (1909) e *O homem dos lobos* (1918) não apenas introduzem conceitos fundamentais, como transferência, resistência e pulsão, mas também transmitem o modo de trabalho do analista, evidenciando o lugar da escuta, do impasse e do não saber como operadores do método.

Assim, os casos freudianos constituem um modo de ensinar pela experiência, em que o leitor é convocado a ocupar o lugar de quem também se confronta com o enigma do inconsciente. A escrita de casos, nesse sentido, não é mera ilustração teórica, mas uma forma de transmissão ética e clínica, que dá a ver a prática em sua dimensão singular e não sistemática.

Análise Leiga: formação, ética e transmissão

Em *Análise leiga* (1926), Freud formula uma das defesas mais decisivas da autonomia da psicanálise. Escrito em resposta às acusações contra Theodor Reik, o texto afirma que a prática analítica não se define por um pertencimento institucional ou por um saber médico, mas por uma formação que implica experiência, ética e responsabilidade subjetiva. Ao criar um interlocutor “imparcial” com quem debate a legitimidade da psicanálise não-médica, Freud faz da própria estrutura do texto um exercício de transmissão, sustentando o campo da psicanálise na palavra e na ética do sujeito, e não na legitimação científica.

Ele adverte que a aptidão para o exercício da psicanálise não decorre de títulos ou credenciais, mas de uma posição ética frente ao inconsciente: “[...] quanto menos eles entendem do assunto, mais ousados se tornam. Apenas aquele que realmente sabe ficará modesto, pois sabe como esse conhecimento é insuficiente” (*Análise leiga*, 1926/2020, p. 266). Em outro momento, acrescenta: “[...] ninguém que não tenha sido habilitado para tanto, através de uma formação específica, deve exercer a análise; se essa pessoa é um médico ou não, parece-me secundário” (*idem*, p. 269, grifos nossos).

Essas passagens condensam uma concepção de formação como processo em curso, jamais concluído, e reafirmam que a legitimidade do analista advém de sua própria análise, da supervisão e da experiência clínica, não de uma certificação acadêmica. *Análise leiga*, portanto, preserva o núcleo ético da transmissão e antecipa o princípio que Lacan mais tarde retomará: “[...] o analista só se autoriza por si mesmo” (Lacan, 2003, p. 248).

Lacan: o retorno a Freud

O ponto inaugural do ensino de Lacan é o que ele mesmo chamou de retorno a Freud. Não se trata de um retorno histórico, mas estrutural, orientado pela necessidade de recolocar no centro da teoria e da prática o inconsciente como discurso do Outro. O inconsciente, para Lacan, não é um lugar interno, mas uma rede de significantes que se constitui nas relações do sujeito com o Outro, o campo da linguagem e do desejo.

Frente ao movimento pós-freudiano que psicologizou a psicanálise e buscou adaptá-la à psicologia do ego, Lacan restitui à experiência analítica sua dimensão de linguagem, desejo e falta, reafirmando o inconsciente como campo ético e não adaptativo. Retornar a Freud, em Lacan, é devolver à psicanálise a sua vocação ética, um campo no qual o saber não é domínio, mas efeito de um não saber.

Esse retorno abre, também, uma outra via para pensar a transmissão da psicanálise, em que o saber não se confunde com a acumulação de conteúdos, mas com o efeito de um não saber operante. Retornar a Freud é fazer trabalhar novamente o que, em sua obra, se dirigia à experiência e não à doutrina: o saber inconsciente que se produz entre analista e analisante na transferência.

Assim, o retorno a Freud torna-se o ponto de partida para uma revolução na transmissão, desloca-se a ideia de ensino como transmissão de conhecimento para a concepção de transmissão como ato, implicado no desejo do analista. O que se transmite não é um corpo de saber, mas o modo singular de se autorizar pela experiência do inconsciente.

Ensino e transmissão em Lacan: seminários, escritos e conferências

O ensino de Lacan ocorreu nos seminários, realizados de 1953 a 1980. Eram espaços vivos, sustentados pela transferência de trabalho. O seminário não era um curso, mas uma experiência. Nele, Lacan retomava conceitos freudianos, elaborando-os até o ponto de fazê-los ressoar novamente.

Os *Escritos* (1966) reúnem textos com essa elaboração teórica e mostram o esforço de dar forma conceitual àquilo que emergia da fala nos seminários. Já os *Outros Escritos* (2001), lançado 20 anos após a morte de Lacan, registram textos que não estavam nos *Escritos* e que em sua maioria revelam o lugar da palavra como ato, e não apenas como exposição de ideias. O ensino de Lacan não se dirige à compreensão, mas ao trabalho de quem escuta.

O Ato de Fundação e os dispositivos institucionais

Com o *Ato de Fundação da Escola Freudiana de Paris*, Lacan inaugura uma nova forma de transmissão em 1964. Expulso da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), ele funda a sua própria escola (EFP) e propõe um modo de laço sustentado na responsabilidade subjetiva de cada analista. A Escola não é uma instituição de formação padronizada, mas um espaço de trabalho. A psicanálise, nesse sentido, é sempre uma aposta, tanto para o analisando quanto para o analista.

Nesse contexto, Lacan retoma o tripé de formação já presente desde Freud, a análise pessoal, a supervisão e o aprendizado contínuo, sustentando que nenhum desses eixos pode ser reduzido a um modelo pedagógico. Ao mesmo tempo, propõe dispositivos institucionais próprios, como o passe e o cartel, voltados à transmissão e à aposta no ato analítico.

O passe inaugura uma experiência inédita, fundada no testemunho de quem, tendo atravessado a análise, tenta dizer algo do real que o constituiu como analista. Já o cartel, concebido como um pequeno grupo de trabalho, opera na dimensão do estudo e da elaboração teórica compartilhada, sustentado pelo princípio de que o saber se constrói a partir da falta e do não saber. O lugar do Mais-Um, proposto por Lacan, assegura a circulação da palavra e impede que o grupo se fixe em uma hierarquia, mantendo viva a experiência do trabalho e da transmissão. A formação do analista deixa, então, de ser um percurso de certificação, é antes uma travessia, feita de ética e de experiência.

Transmissão: ensino e experiência na atualidade

O tema da transmissão em psicanálise mantém, ainda hoje, a capacidade de nos interrogar. Recentemente, o assunto voltou a ser discutido em audiência pública realizada na Câmara dos Deputados, em setembro de 2025, sob o título *Formação de psicanalistas*. O encontro reuniu psicanalistas de diferentes escolas e representantes de instituições ligadas à saúde e à educação, para refletir sobre o modo como a formação analítica vem sendo proposta em alguns contextos e sob o risco de se confundir ensino com formação.

A questão recoloca, em termos contemporâneos, um problema que acompanha a psicanálise desde suas origens: o que se transmite, afinal, quando se ensina psicanálise? O debate evidenciou que o estudo teórico pode ocorrer em diversos espaços, inclusive acadêmicos, mas a formação analítica requer outra lógica. Ela se sustenta na experiência singular da análise pessoal, na supervisão e no trabalho coletivo, e não na aquisição de competências ou certificações.

Freud já advertia que a transmissão da psicanálise não se dá por manuais nem por métodos didáticos. Lacan, ao retomar essa herança, busca preservar a singularidade da experiência de cada um. Transmitir não é repetir o que se sabe, mas sustentar, diante do inconsciente, uma posição ética. O ensino pertence ao campo do saber; a transmissão, ao campo do desejo.

A ética da psicanálise não se funda em normas nem em ideais de bem, mas na responsabilidade de cada sujeito diante do seu desejo. É uma ética do ato e da escuta, na qual o analista se implica sem garantias, sustentando a falta como condição da palavra. Transmitir essa ética é transmitir também a aposta na singularidade, no que, em cada um, pode se abrir à experiência de saber sobre o próprio desejo.

Nesse sentido, as discussões recentes apenas tornam mais visível a diferença estrutural entre o discurso universitário e o discurso analítico. Enquanto o primeiro se organiza em torno da produção e da legitimação do saber, o segundo se funda no não saber e na escuta do sujeito. É nessa diferença que a psicanálise preserva sua força crítica e seu modo próprio de formar analistas, pela travessia, e não pela titulação.

Considerações finais

A transmissão em psicanálise, tal como se pôde percorrer de Freud a Lacan, não se reduz à ideia de ensino nem à repetição de um saber já estabelecido. Desde Freud, há uma aposta na experiência como via de acesso ao inconsciente, e é a partir dela que se forma e se transmite algo da psicanálise. Mas é com Lacan que essa dimensão ganha novo alcance: transmitir não é apenas comunicar o que se sabe, é sustentar uma posição diante do não saber, lugar onde o desejo e a ética do analista se inscrevem.

O ensino, para Lacan, não se separa da experiência. Seu próprio modo de ensinar, nos seminários, nos escritos, nas intervenções, representava a transmissão. Cada palavra, cada torção conceitual, visava produzir efeito de trabalho em quem o escutava. O ensino, então, deixa de ser simples exposição e se torna acontecimento: um ato que convoca o sujeito à elaboração.

Na contemporaneidade, essa questão se torna ainda mais urgente. Em meio à tendência de transformar a psicanálise em um curso, método ou produto, sustentar a diferença entre ensino e transmissão é reafirmar o que a mantém viva: a experiência. Transmitir a psicanálise é mantê-la em movimento, como um trabalho que se renova na fala de cada um, na singularidade de cada percurso de formação.

Entre ensino e experiência, o que se transmite não é o domínio de um saber, mas o desejo que faz falar. É nesse desejo, e na ética que o sustenta, que a psicanálise encontra sua possibilidade de permanecer transmissível, transmissível ainda hoje.

Transmitir a psicanálise é manter viva, de um a outro, a experiência do desejo e da palavra.



Referências Bibliográficas

- Barros, M. (2001). O apanhador de desperdícios. In: _____. **O fazedor de amanhecer**. São Paulo, SP: Leya.
- Freud, S. (1986). **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess**. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (2010). Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. v. 14. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2010). Novas conferências introdutórias à psicanálise. In: _____. **Obras completas**. v.18. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2013). Cinco lições de psicanálise. In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**, v. 9. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2014). **Conferências introdutórias à psicanálise**. v. 13. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2020). A questão da análise leiga. In: _____. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica.
- Freud, S. (2021). **Histórias Clínicas**: cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica. Belo Horizonte: Autêntica.
- Lacan, J. (1998). **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2003). **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar.
- Roudinesco, E.; Plon, M. (1998). **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar.

[1] Psicanalista e supervisora clínica. Coordenadora do Seminário Sobre o Início dos Atendimentos e preceptora de novos membros da Sociedade Psicanalítica Online. Contato: rosangelasoarescavalcanti@gmail.com

[2] Psicóloga, psicanalista e supervisora clínica. Palestrante na Sociedade Psicanalítica Online. Pós-graduada em Clínica Psicanalítica Lacaniana (ESPE). Contato: zeliassignoretti@hotmail.com

Ensaio

Ser tocado pela palavra: o lugar do afeto na escuta clínica

Luiz Felipe Zanini [1]



A escuta analítica transcende a mera compreensão do que se comunica. Ela inclui a dimensão não verbal, a palavra, a linguagem e o afeto. Quando um analista ouve um analisando falando, ele escuta uma mensagem enviada a um outro que não é ele. Um analista escuta um corpo afetado por um Outro.

A ideia neste ensaio é explorar a relação entre a palavra e o afeto na escuta clínica, na experiência de transformação subjetiva, sob a perspectiva de um analisando, articulando a teoria psicanalítica com o recorte de um caso clínico em 2012, na cidade de São José dos Campos - SP.

A experiência humana é marcada pela linguagem e pelo afeto. Na clínica psicanalítica, isso se manifesta em uma dimensão onde o discurso do analisando não é meramente um veículo de informação, mas um campo para a emergência e elaboração de afetos de outra ordem psíquica. A escuta do analista, por sua vez, não se restringe à compreensão intelectual do discurso, mas, de maneira flutuante, escuta as nuances afetivas que permeiam a fala e as representações, constituindo um campo de possibilidade transformativa.

Ano 1. 1º Semestre de 2026. Edição 1.

Início do recorte

Em 2012, o analisando, com 32 anos e já em análise há algum tempo, inicia um novo trabalho de fala, onde o discurso é sobre o irmão dez anos mais velho, que é também sócio majoritário da empresa da qual são donos. O analisando, em um discurso muito angustiado, fala da procura, na relação com o irmão, de um reconhecimento. Em suas palavras, “...um retorno.” Sessão após sessão, a mesma queixa com outras roupagens. Fala que o irmão apenas procura, em suas tarefas, o erro do dia, objeto de apontamento. “No final do dia ele só fala do que foi perdido...”, diz o analisando ao falar sobre um ponto de exclusão no laço com o majoritário, frente ao impasse em relação ao outro que o rejeita, apesar de tentar fazer valer seu modo de estar, resistindo à crítica e à hostilidade que vem do outro. “Você é burro! Não aguento mais ele me chamar assim!” A frase parece ressoar mais além do laço que nasce do desejo do Outro, colocando em questão seu gozo. O gozo é um conceito complexo que se refere a uma satisfação que não necessariamente é prazerosa, mas pode ser desprazerosa, para além do princípio de prazer. É um excesso que a linguagem não consegue conter. Nesse ponto, poderíamos hipotetizar que a posição do sujeito inconsciente do analisando seria a seguinte: “Sou aquele que é burro e por isso, não consigo retornar o que foi perdido”.

O sujeito se constitui no campo social, e sua relação com o outro é fundamental para a emergência do inconsciente³.

O analisando sonha com a imagem do analista, misturada com a simbolização de um conhecido jornalista. “Aquele que é neutro e que traz a verdade.” Há uma demanda, um apelo ao Outro, um pedido de reconhecimento e de amor que se expressa por meio da linguagem. O Outro, com sua função simbólica, é quem dá sentido ao que foi dito, identificando a cadeia de significantes e permitindo que o desejo inconsciente se faça verbo. O analisando segue explicando que seu trabalho é muito desgastante, pois envolve planejamentos, lidar com fornecedores, “...horários e entregas.” Nas discussões com seu irmão, o que, segundo o analisando, mais parecem o afetar para além dos significantes “um retorno, o que foi perdido, você é burro”, se dão muitas vezes “dentro do carro”, com o majoritário dirigindo em direção a obras e licitações. Foram muitas sessões nesse lugar de afeto e repetição... “dentro do carro.”

O lugar do afeto

Desde a angústia freudiana, como afeto primordial e destino do recalçado, até a angústia lacaniana, como sinal do real e indicador da falta no Outro, o afeto se revela como um elemento inseparável da experiência analítica.

O afeto, na psicanálise, é um conceito central, embora Freud não tenha lhe dedicado uma metodologia tão exaustiva quanto a outros termos. No entanto, sua importância é evidente, especialmente na compreensão da dinâmica psíquica e da experiência clínica. Inicialmente, Freud pensou os afetos como uma “quantidade em operação no psiquismo”, referindo-se a um “*quantum*” ou “cota de afeto (*Affektbetrag*)”. Essa intensidade psíquica, correlata às excitações somáticas, é capaz de se descolar da representação original e ter destinos variados.

Em *As neuropsicoses de defesa*² (Freud, 1894), Freud descreve o afeto como algo suscetível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, disseminando-se pelas vias mnêmicas das representações. A ideia era que cada “impressão psíquica” possuía um valor afetivo, e o psiquismo tenderia a reduzir essa quantidade ao mínimo necessário para seu funcionamento. A descarga do afeto poderia ocorrer por via motora, por palavras e por associação. Na formação do sintoma neurótico, a descarga do *quantum* de afeto pode ser suspensa, fixando-se em uma representação outra, ou escoar para inervações somáticas, manifestando alterações corporais¹ (Freud, 1893).

Jacques Lacan, em seu retorno a Freud, aprofunda e ressignifica a concepção de afeto, especialmente a angústia. Para Lacan¹⁰⁻¹¹, a angústia não é apenas um afeto entre outros, mas o afeto que não engana, o sinal por excelência do real, que é aquilo que escapa à simbolização, que não pode ser totalmente recoberto pela linguagem. A angústia surge, portanto, quando o sujeito se depara com a falta de falta no Outro, ou seja, quando a estrutura simbólica que o sustenta “falha” e o real emerge.

Em seus primeiros escritos, Freud³ diferenciava as neuroses atuais, como a neurose de angústia, das neuroses de defesa, como a histeria e a neurose obsessiva. Nas neuroses atuais, a angústia se manifestaria diretamente no corpo, sem uma representação psíquica associada, enquanto nas neuroses de defesa, a angústia seria o resultado de um conflito psíquico e estaria ligada a uma representação. Essa distinção inicial já aponta para a complexa relação entre afeto e representação, tema recorrente na teoria freudiana.

Ano 1. 1º Semestre de 2026. Edição 1.

“Minha filha anencéfala... um caiaque na frente da Loja.”

Podemos indagar sobre como essas peças soltas se entrelaçam.

As palavras

Os representantes pulsionais (*Vorstellungsrepräsentanz*) são fundamentais para entender a pulsão, que, em si mesma, por assim dizer, é ininteligível. A pulsão só se manifesta por meio de seus representantes, que são representações ou cadeias de representações investidos pulsionalmente. Esses representantes são a forma pela qual a pulsão se torna acessível ao psiquismo e à análise. O recalque (*Verdrängung*), um dos destinos da pulsão, por exemplo, incide sobre a composição entre o *Drang* (impulso) e o *Objekt* (objeto) inerente ao representante pulsional, evidenciando a ligação entre pulsão, afeto e representação.⁵⁻⁶⁻⁷

Freud¹ também explorou a ideia de uma “contravontade”, uma força que se opõe ao consciente. É uma manifestação do sujeito do inconsciente, uma forma de dizer “não” a uma pressão interna, muitas vezes de natureza superegóica. Essa contravontade também se manifesta através de esquecimentos.

“...um retorno.” Retorno do que?

Para Freud¹⁻², o inconsciente é atemporal, ou seja, não se submete às leis cronológicas do tempo linear. Experiências passadas, desejos recalcados e fantasias infantis coexistem no inconsciente como se fossem presentes, exercendo sua influência sobre a vida psíquica do sujeito. Essa atemporalidade do inconsciente está intrinsecamente ligada ao automatismo de repetição, onde o sujeito tende a repetir, buscando uma satisfação que nunca é plenamente alcançada.

“...parece que há um retorno, de algo que não existe, que se é impossível de retornar, e que faz sintoma, onde o analisando goza.”

O afeto está intimamente ligado ao gozo, sendo uma de suas manifestações. A palavra, na análise, pode dar um destino a esse gozo, circunscrevê-lo, sem a pretensão de eliminá-lo, mas transformá-lo.

A atenção flutuante do analista e a associação livre do analisando estão permeadas não apenas de ouvir palavras, mas de escutá-las. O conceito de “construção em análise”³ (Freud, 1937) é fundamental para entender como o analista trabalha com os fragmentos e associações do analisando para que este reconstrua sua história e transforme seu passado. Essa reconstrução não é uma mera rememoração de fatos passados, mas uma reescrita da história, onde o passado é historiado no presente, seja lá o que isso signifique.

Quando se fala em inconsciente, o que seria o presente? Seria o presente do Eu pré-consciente e sua temporalidade?

Todavia, considerando a atemporalidade do inconsciente freudiano, em uma análise pode acontecer uma reconstrução da história do sujeito. Nesse processo, a repetição é um fenômeno presente. O analisando tende a repetir na análise, afetos e conflitos no discurso, na relação transferencial com o analista.

O trabalho analítico consiste em “lembrar, repetir e elaborar”⁴ (Freud, 1914). O lembrar seria trazer à consciência as memórias recalçadas, em particular as da infância, que podem ser efeitos dos sintomas atuais, portanto, seria, por assim dizer, o ato de resgatar o passado para compreendê-lo no presente. O repetir é a atualização da verdade psíquica inconsciente na relação analítica, mas também a paixão pela ignorância, aquilo que não se torna consciente e se repete como destino. Destino do qual o analisando é proprietário. O sujeito é 'dono' da própria cena inconsciente. Isso não se trata de um controle consciente e deliberado, mas sim de uma agência fundamental na construção e na significação de suas fantasias, desejos e conflitos inconscientes que, longe de ser um mero depósito de conteúdos recalçados, é um palco dinâmico onde o sujeito, mesmo sem o saber, é diretor da peça.

Essa agência inconsciente pode ser ilustrada pelo célebre jogo do *Fort-Da*, observado por Freud⁸ (Freud, 1920) em seu neto. Diante da ausência e retorno da mãe, a criança não se resigna passivamente à angústia da separação. Ao invés disso, ela recria ativamente a situação traumática por meio do jogo com um carretel, que é lançado e puxado de volta, acompanhado dos sons '*Fort!*' (foi embora!) e '*Da!*' (aqui está!). Neste ato lúdico, o neto de Freud não apenas simboliza a ausência e a presença da mãe, mas assume uma posição ativa frente a uma experiência. Perlaborar é o trabalho psíquico que opera nessa verdade psíquica.



O inconsciente, para Lacan¹², é estruturado como uma linguagem, e é por meio dela que o sujeito se constitui e se manifesta. A escuta psicanalítica, portanto, não é uma escuta passiva, mas uma escuta ativa do que se diz para além do dito, nos lapsos, nos sonhos, na transferência, na posição diante do outro e no sintoma, que é uma formação do inconsciente que carrega uma verdade para o sujeito.

A escuta possibilita ao sujeito a elaboração de seu sofrimento e a construção de novos sentidos para sua existência. A palavra, ao ser escutada, pode ser transformativa, permitindo ao analisando revisitar sua história e transformar suas experiências.

Dissolução do recorte

Um acontecimento importante ocorreu no mesmo dia da sessão. Antecedendo a sessão uma ida à loja de esportes. Na época, haviam crianças nascendo anencéfalas devido ao Zika Vírus. A esposa do analisando estava grávida e ele ficou tomado de preocupações acerca do mosquito transmissor da zika. Foi até uma grande loja esportiva, porque soube que havia para vender lá um repelente que tinha muitas horas de ação. Ao chegar em frente à loja, o analisando viu um caiaque e sentiu tontura. Apoiou-se em um pilar perto do caiaque.

Mais tarde, entrando no *setting* analítico decidido, falou angustiado: “Hoje vai ser bom!”

Iniciou falando de seu estresse e fadiga, da impossibilidade de ser, supostamente, como o irmão espera. Então, lembrou e disse:

— *Hoje eu vi um caiaque. Quando eu tinha nove anos de idade, houve uma feira de esportes na escola. Montei uma maquete de uma quadra de basquete. Meu irmão me pôs nesse mundo do basquete... Levei para a escola, com a ajuda de um aluno mais velho, um caiaque do meu irmão. Todos queriam ver o caiaque. — Acabando a feira, meu colega mais velho falou que levaria o caiaque para a casa dele, perto da escola, na mesma rua, no número 09. Meu irmão foi de carro me buscar. Eu, entrando no carro, depois de fazer elogiadas apresentações na feira, ouvi meu irmão ser incisivo e direto: “Cadê meu caiaque?” — Respondi que estava na casa do colega, e ele já começou a gritar: “Você é burro? Não percebe que foi enganado?” — Indo para a casa número 09, [eram] muitos gritos e apontamentos sobre a burrice. Chegando na casa... Ninguém morava lá. Ele concluiu: “Você é burro! O caiaque foi perdido.”*

Chorando como uma criança de nove anos, o analisando ainda tenta dar nome ao afeto: *“Eu era só uma criança.”*

O analista, então, retorna a mensagem metaforicamente dentro do que estava sendo falado pelo analisando: *“Parece que o Felipe está há muitos anos tentando devolver o caiaque para o irmão.”*

Seguido de um tempo de silêncio, o analisando fala: *“Não quero mais isso para mim.”*

Uma mudança de posição? A Palavra tocou e transformou?

A Palavra que toca e transforma

A intervenção do analista, muitas vezes através de sua voz, visa pontuar, cortar ou relançar o discurso do analisando, produzindo um efeito de escansão que pode permitir a emergência de um novo sentido, uma neoformação, e, então, uma nova trilha de acesso à verdade, quiçá uma “Via Régia” outra.

O ato analítico, por sua vez, não se aplica a uma mera interpretação ou uma intervenção técnica. É um ato que instaura o sujeito na palavra, que o confronta com sua própria divisão e com a falta que o constitui. A recusa do analista em atender à demanda de amor do analisando, em preencher sua falta, é fundamental para que o sujeito se depare com seu próprio desejo⁹. Ao invés de oferecer respostas prontas, o analista sustenta a dimensão da pergunta, do enigma, propiciando um espaço onde o analisando poderá colidir em suas próprias verdades. É nesse movimento que a palavra ganha sua potência transformadora, permitindo ao sujeito construir-se e desconstruir-se, em um processo de nova subjetivação.

Para o analisando, ser “tocado pela palavra” implica não apenas na interação com o analista, mas também na confrontação com essa instância simbólica do Grande Outro. A palavra do analista ajuda o analisando a construir, criar, reescrever sua história e a lidar com o gozo que irrompe no corpo. A simbolização do sofrimento, através da palavra, permite que o afeto antes disperso e inarticulado encontre um lugar na cadeia significativa.

“— O Felipe está tentando há 10 anos devolver o caiaque para o Irmão?”



Na psicanálise lacaniana, a noção do Grande Outro fala da constituição do sujeito e sua relação com a linguagem. Inicialmente, Lacan postulou que o “discurso do Outro” é a condição do inconsciente. O inconsciente é o discurso do Outro. O Outro representa o lugar da verdade, o tesouro dos significantes, para o qual o sujeito se endereça com suas questões, desejos, e posição¹². É a instância simbólica que confere sentido à experiência humana e onde o sujeito busca reconhecimento. A busca na análise é, então, por um “outro” Outro, um que o analisante possa criar ao seu tempo e a partir de um vazio.

“— Eu era só uma criança. Não quero isso mais para mim.” “— Não sou burro, EU tô no mundo.”

É nesse processo de construção que o analisante pode se apropriar de sua história, reconhecer seus desejos e conflitos e transformar sua posição subjetiva. A palavra, portanto, não apenas expressa a realidade psíquica, mas a constitui e a transforma. Deste modo, na experiência analítica a linguagem, mais além de comunicar, é algo fora do vivente que não só permite falar sobre o que não existe, mas também permite ao *falasser* enodar aquilo que são fragmentos.

“— O Caiaque, cai aqui.”

No confronto, o sujeito pode desvincular-se das identificações imaginárias e construir uma relação ética com seu desejo, tornando-se um sujeito da pulsão. É através do afeto que o inconsciente se manifesta, que o desejo se revela e que a transformação subjetiva se torna possível. O lugar do afeto na escuta clínica é constitutivo do próprio processo analítico, onde o analisando vive a experiência de sua singular verdade e uma nova forma de se posicionar e habitar o mundo.

A experiência analítica é em si uma resistência à padronização, na medida em que tem em sua prática a persistência da singularidade. Em cada sessão, sustenta-se um desejo onde o analista vai atrás do analisando em sua quimera, onde este último não abre mão de si, não cede do próprio desejo e dá brio à própria existência.

A análise pode mudar o passado.



Ano 1. 1º Semestre de 2026. Edição 1.

Referências

1. Freud, S. (1976b). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Comunicação preliminar. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 2, pp. 39-57). Imago. (Original publicado em 1893)
2. Freud, S. (2020). *Psicopatologia da vida cotidiana*. (C. Dornbusch e R. Zwick, Trans.; G. Iannini, Coord.). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1901)
3. Freud, S. (1894). As neuropsicoses de defesa. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 3) Imago. (Trabalho original publicado em 1894).
4. Freud, S. (1914). Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
5. Freud, S. (2021). As pulsões e seus destinos. In *Metapsicologia* (M. Carone, Trad.; G. Iannini, Coord.). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1915)
6. Freud, S. (2021). O recalçamento. In *Metapsicologia* (M. Carone, Trad.; G. Iannini, Coord.). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1915)
7. Freud, S. (2021). O inconsciente. In *Metapsicologia* (M. Carone, Trad.; G. Iannini, Coord.). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1915)
8. Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
9. Freud, S. (1937). Construções em análise. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Imago. (Trabalho original publicado em 1937).
10. Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: A angústia* (1962–1963). Jorge Zahar Editor.
11. Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (M. D. Magno, Trad.). Jorge Zahar Editor. (Original proferido em 1964)
12. Lacan, J. (1998). *Escritos*. Jorge Zahar Editor.

[1] Pós graduando em Clínica Psicanalítica Lacaniana pelo ESPE. Orientador de Grupos de estudos no Psicanálise Independente e membro do Espaço Psicanalítico de Foz do Iguaçu. Contato: felipe@lemonsanini.net

Artigo

Ano 1. 1º Semestre de 2026. Edição 1.

Psicanálise e Literatura: a palavra que rasga o silêncio

Marilda Piccolo[1]



Resumo

O presente artigo analisa as relações entre psicanálise, arte e literatura, evidenciando como essas esferas do saber se entrelaçam na construção das teorias de Freud e Lacan. Em Freud, a literatura aparece como fonte epistemológica e como suporte para a formulação de conceitos fundamentais, a exemplo do complexo de Édipo em diálogo com *Hamlet*, de Shakespeare. Já em Lacan, a arte é convocada como via de reflexão sobre o desejo e sobre os modos de subjetivação, permitindo repensar a clínica a partir da dimensão estética. A investigação mostrou que psicanálise e literatura compartilham um mesmo campo de trabalho: o da linguagem e de seus limites. Ambas lidam com o indizível e com as formas possíveis de sua inscrição simbólica. Assim, a palavra, seja na criação literária, seja na experiência analítica, emerge como gesto que rasga o silêncio e dá contorno ao que não pode ser plenamente dito.

Palavras-chave: Psicanálise; Literatura; Arte; Linguagem; Subjetivação.

Abstract

This article examines the relationship between psychoanalysis, art, and literature, highlighting how these fields intersect in the development of Freud's and Lacan's theories. In Freud, literature functions as an epistemological source and a support for the formulation of key psychoanalytic concepts, such as the Oedipus complex in dialogue with Shakespeare's *Hamlet*. In Lacan, art serves as a path for reflecting on desire and modes of subjectivation, allowing the clinic to be rethought through an aesthetic lens. The study demonstrates that psychoanalysis and literature share a common ground: the realm of language and its limits. Both engage with the unspeakable and the symbolic forms through which it can be inscribed. Thus, the word, whether in literary creation or in the analytic experience, emerges as a gesture that tears a part silence and gives shape to what cannot be fully said.

Keywords: Psychoanalysis; Literature; Art; Language; Subjectivation.

E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem diante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência. (FREUD, 1996, p. 20).

Introdução

Ao iniciar este artigo, é importante lembrar que a psicanálise sempre estabeleceu um diálogo histórico com outros saberes. Freud (2014) constantemente deixava claro que o analista precisa se cercar de um certo conhecimento em áreas diversificadas como o contexto social e cultural, artes, história, mitologia, filosofia, entre outras áreas sem as quais o analista fica impotente “[...] por estar à altura da subjetividade, dos corpos e dos laços de nossa época.” (IANNINI, 2024, p. 80) Assim, se infere que a psicanálise considera a relevância de tais áreas na construção de seu campo de investigação. Conforme orienta Coutinho Jorge (2022, p. 20) “E se acreditamos que seja possível a transmissão da teoria psicanalítica, é necessário que ela se valha das outras disciplinas, seja para questioná-las, seja para assimilá-las nos aspectos em que divergem ou convergem”.

A relação entre Psicanálise e Literatura é tecida pela linguagem, mas não apenas em sua função comunicativa. Tanto Freud quanto Lacan reconheceram que a palavra opera como abertura para o inconsciente, como instrumento que rompe o véu do indizível e inscreve, ainda que de modo precário, o que escapa à representação. Nesse sentido, a literatura se configura como um espaço privilegiado em que a palavra não apenas comunica, mas rasga o silêncio, revelando zonas desconhecidas da experiência humana. De acordo com Iannini (2024, p. 88):

[...] a linguagem funciona na literatura de modo diverso. Longe de ser meramente um veículo ou um instrumento para a transmissão de conteúdos e significados extralinguísticos, a linguagem é assumida na literatura muito mais como ‘um sistema de desequilíbrio’, para usar a expressão de Deleuze: interessam as ambiguidades, os recursos depositados na própria língua, que permitem as modalizações, aspectualizações, ênfases etc. Para conhecer Guimarães Rosa, não basta ler resumos ou resenhas. O teor de verdade da literatura é minimamente parafraseável.

As palavras da epígrafe deste artigo, do texto *Delírios e sonhos na 'Grädiva' de Jensen*, caracterizam o pensamento freudiano de que os escritores podem ser considerados precursores de uma espécie de representação dos dramas e do sofrimento humano. De acordo com Teodoro e Chaves (2023), os artistas aparecem, dessa forma, como interlocutores recorrentes na obra freudiana. Isso pode ser notado em textos em que ele se detém em assuntos ligados ao campo artístico, e também em escritos nos quais a estética não é o assunto central do texto freudiano.

Já Lacan, no início de seu percurso como psicanalista, aproximava psicanálise, arte e literatura. De acordo com Safatle (2017, p. 19-20), “[...] com sua tese[2], Lacan procurava constituir uma teoria em que clínica, reflexão social e tematização da produção estética se articulassem de maneira orgânica. Desde o início, essa teoria é um programa interdisciplinar cuidadosamente montado”. Pode-se observar isso no texto em que Lacan faz uma homenagem a Marguerite Duras:

A única vantagem que um psicanalista tem o direito de tirar de sua posição é a de se lembrar com Freud que, em sua matéria, o artista sempre o precede, portanto, ele não tem que bancar o psicólogo quando o artista lhe desbrava o caminho. (LACAN, 2003, p. 200)

Este artigo tem como objetivo explorar a relação entre psicanálise e literatura, destacando as diversas formas de subjetivação que emergem dessa interação. Rabaté (2017) aponta que a literatura serve como um acesso privilegiado à cultura, englobando tanto o envolvimento pessoal com as tradições ficcionais (*Bildung*) quanto os valores que moldam uma civilização (*Kultur*). Por essa razão, muitos psicanalistas vêem a literatura como um recurso fundamental para compreender as manifestações do inconsciente. Isso se deve ao fato de que os artistas são impulsionados por desejos inconscientes, pulsões e libido, assim como os neuróticos. No entanto, os artistas conseguem sublimar esses impulsos de maneira criativa, resultando em obras de arte que proporcionam satisfação tanto a eles quanto ao público (FINGERMAN, 2017).

Freud e a palavra literária

Freud (2021) já percebia que os escritores e poetas possuíam uma sensibilidade especial para captar os movimentos inconscientes antes mesmo da formulação teórica da psicanálise. Em *O poeta e o fantasiar*, ele observa que a obra literária emerge como elaboração de fantasias inconscientes, mas, ao mesmo tempo, oferece ao leitor uma via de satisfação estética que toca o recalcado. O escritor, portanto, é aquele que, por meio da palavra, consegue transpor para a esfera simbólica conteúdos que permanecem silenciados no sujeito comum.

Como afirma Iannini (2024, p. 84),

A psicanálise freudiana não seria possível sem uma peculiar coabitação de duas vertentes [...] a escrita científica e a escrita literária [...] Nesse sentido, se a ciência é condição para a psicanálise, gostaria de acrescentar a hipótese de que, à sua maneira, *a literatura também é uma condição da psicanálise*. (grifos do autor)

Nessa perspectiva, Birman (1991) destaca que a relação entre o saber psicanalítico e a tradição literária é uma condição fundamental para a própria prática da psicanálise, pois permite uma compreensão mais profunda da natureza humana e da linguagem.

Na obra freudiana, a literatura funciona como fonte de inspiração e como campo de confirmação teórica. Ao analisar Édipo Rei, de Sófocles, Freud não apenas encontra o mito que fundamenta o complexo edipiano, mas reconhece no texto trágico a força de uma verdade universal: o desejo incestuoso e o recalque que dele advém.

Do mesmo modo, em sua leitura de Hamlet, Freud aponta como a hesitação do príncipe dinamarquês frente à vingança expressa um conflito interno, estruturado pela repressão e pela ambivalência dos afetos, pela divisão subjetiva dos sujeitos (FREUD, 2019). Esses exemplos mostram que, para Freud, a literatura é um campo em que o silêncio da vida psíquica pode encontrar forma e ressonância.

Freud, aliás, sempre manteve um vínculo intenso com a literatura. Como lembra Chaves (2015), essa relação pode ser observada desde maio de 1897, na carta a Fliess conhecida como Manuscrito N, até 1930, quando Freud pronunciou seu discurso de agradecimento ao receber o Prêmio Goethe. Ainda que seja difícil medir exatamente o quanto a literatura o influenciou, é evidente que desde seus primeiros textos ele recorreu a recursos literários para tornar suas ideias mais claras e envolventes.

Freud reconhecia na literatura uma poderosa via de acesso ao inconsciente e soube usar sua própria sensibilidade de escritor para aproximar suas teorias de um público mais amplo. Como observa Rabaté (2017, p. 164), a “[...] ciência da literatura [...]” de Freud abrange a interpretação e a hermenêutica geral, partindo do universo literário para o da sexualidade – com seus inúmeros exemplos, personagens, situações e até anedotas – para refinar diagnósticos, aprofundar o entendimento dos dramas humanos e analisar as narrativas míticas que expressam as marcas dos conflitos transmitidos entre gerações.

Conforme questiona Iannini (2024, p. 76),

Quem nos fez acreditar que o Édipo e o falo são o *centro* da psicanálise, se o próprio Freud foi de Édipo a Hamlet e de Hamlet a Dostoiévski? Se ele foi ainda, num passo audacioso, da Grécia ao Egito, em companhia de Moisés? Ou os textos ‘estéticos’ e ‘culturais’ seriam meros adornos desprovidos de relevância para o pensamento clínico, meros ornamentos incapazes de redesenhar o campo de força dos conceitos estabelecidos? (grifos do autor)

Contudo, isso não significa que o texto literário deva ser analisado[3] pela psicanálise. Como adverte Fingermann (2017, p. 44), “[...] pelo contrário, os psicanalistas é que deveriam saber ler melhor, que deveriam flexibilizar, afinar seu ouvido, deixando desconcertar a sua linguagem pela ‘prática da letra’”. Na obra de Freud, as referências a textos literários e dramatúrgicos são abundantes, e não apenas naqueles em que a arte é o foco central. A literatura atravessa todo o seu pensamento, chegando a influenciar o próprio modo como ele concebia a ciência. Como observa Chaves (2015, p. 18), “[...] seu modelo de cientista aparece aqui muito mais moldado pela figura do artista transgressor do que pela do pesquisador em seu laboratório de fisiologia [...]”. Isso também se reflete em seu estilo de escrita, que, como aponta Loureiro (2006, p. 374), é “[...] bastante ‘literário’”.

Essa influência, contudo, não transforma a psicanálise em literatura, tampouco compromete seu caráter científico. Koyré (2011) já havia notado que filosofia, metafísica e religião nunca estiveram separadas da ciência, mas integradas à própria construção do pensamento científico. Da mesma forma, a presença da literatura é constitutiva da psicanálise e essencial à sua existência.

A escrita literária, portanto, não é um simples traço estilístico. Iannini (2016) lembra que esse tipo de discurso não decorre de uma preferência pessoal, mas da própria natureza do objeto de estudo da psicanálise. Assim, a literatura não se limita a ser uma ferramenta metodológica: ela se torna parte fundamental da epistemologia freudiana.

Mesmo em textos que não tratam diretamente da arte, percebe-se o quanto a literatura permeia o pensamento de Freud. Além disso, o campo da estética assume papel central em suas reflexões sobre artistas como Michelangelo e Da Vinci, ou sobre escritores e poetas como Shakespeare, Goethe, Sófocles, Jensen e Dostoiévski. A esse respeito, Tavares (2007) ressalta que a aproximação de Freud com esses autores foi decisiva para a formação do saber psicanalítico. Por meio dessas leituras, delineia-se um modo específico de pensar a estética dentro da psicanálise. Em *O Moisés de Michelangelo*, Freud (2015) confessa o impacto profundo que as obras de arte exerciam sobre ele, sobretudo as literárias e escultóricas, ao afirmar: “Percebi com frequência que o conteúdo de uma obra de arte me atrai mais fortemente do que suas qualidades formais e técnicas” (FREUD, 2015, p. 183).

Segundo Tavares (2012, p. 19), o diálogo entre literatura e psicanálise na teoria freudiana pode ser compreendido em duas vertentes: a aditiva e a extrativa. A primeira, “[...] que desde a aurora da Psicanálise gerou muita crítica e ainda hoje faz se criar reservas quanto a qualquer trabalho multidisciplinar que envolva a Psicanálise, uma vez que esta procuraria esclarecer conteúdos até então obscuros à Literatura, assim como às artes plásticas”. É o caso das conhecidas análises de Freud sobre autores, como em *Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci* (1910) e *Dostoiévski e o parricídio* (1928).

Embora Freud tenha sido criticado por reduzir a obra de arte a um reflexo da neurose do artista, Ernani Chaves ressalta que: “Não se trata [...] de descobrir a neurose no criador, mas de considerar que o processo de criação artística segue o modelo de constituição da neurose. Assim sendo, tal como no processo analítico, não se pode negligenciar nenhum detalhe” (CHAVES, 2015, p. 11). Apesar das críticas, o valor desses textos está na postura investigativa que, como observa o autor, parte dos restos e rastros.

Na vertente extrativa, por sua vez, “[...] a Psicanálise busca na cultura, em suas diversas manifestações e referenciais epistêmicos, o substrato que sustenta e dá corpo às suas elaborações conceituais [...] entre as quais se destaca a literatura” (TAVARES, 2012, p. 20). Ou seja, em vez de aplicar a psicanálise à literatura, trata-se de reconhecer a literatura como parte constitutiva da própria psicanálise e de sua estrutura conceitual — como nas referências a *Édipo Rei*, de Sófocles, e *Hamlet*, de Shakespeare (Idem, p. 19).

Lacan e a palavra que rasga o silêncio

Lacan radicaliza esse diálogo ao afirmar que o inconsciente é estruturado como uma linguagem (Lacan, 1998). O silêncio, nesse quadro, não é mera ausência de palavras, mas o intervalo entre os significantes, o lugar onde o sujeito se perde e onde o desejo se aloja. Assim, a palavra não apenas rasga o silêncio, mas o constitui: é no intervalo, na falha, na hesitação, que se produz o efeito de verdade subjetiva.

A literatura, por sua vez, torna-se o campo em que esse jogo de significantes se manifesta de forma radical, convocando o leitor a interpretar, a preencher lacunas, a lidar com o não-dito. Como afirmou o próprio Lacan, “[...] os poetas não sabem o que dizem, como é bem sabido, sempre dizem, no entanto, as coisas antes dos outros.” (LACAN, 1998, p. 526)

A obra de Franz Kafka é paradigmática nesse sentido. Em *O processo* (KAFKA, 2005), a narrativa se constrói em torno de um sujeito confrontado com uma lei enigmática, inacessível e opaca. O silêncio da lei kafkiana não é mero vazio, mas um excesso que oprime e angustia. A palavra de Kafka, ao dar forma a esse silêncio insuportável, realiza aquilo que Lacan identifica como a função da letra: inscrever o real, mesmo sem traduzi-lo por completo. O texto literário, nesse caso, rasga o silêncio ao torná-lo legível em sua própria opacidade.

De maneira diversa, mas igualmente significativa, Marcel Proust em *No Caminho de Swann* (PROUST, 2006), primeiro livro da obra literária *Em busca do tempo perdido* (1913-1927) mostra como a memória involuntária emerge no encontro entre palavra e silêncio. O sabor da *madeleine* convoca uma experiência que estava esquecida, recalçada, e que só pode se tornar presente por meio da escrita. O silêncio do tempo perdido é rompido pela palavra que não apenas rememora, mas recria, mostrando como a literatura participa da mesma lógica que rege a associação livre na clínica: o detalhe aparentemente banal pode abrir acesso a todo um universo recalçado.

No contexto da literatura brasileira, Clarice Lispector oferece um exemplo singular dessa palavra que rasga o silêncio. Em *A paixão segundo G.H.* (LISPECTOR, 1998), a protagonista, diante da experiência-limite com a barata, enfrenta a impossibilidade de nomear o que vive: “[...] o que é dito já não é o que é [...]”. Aqui, a palavra se confronta com seu limite, com o real impossível de simbolizar. Clarice, como a psicanálise, reconhece que o dizer nunca dá conta do vivido, mas insiste em escrever justamente nesse lugar de falha. Assim, sua literatura evidencia o ponto em que a palavra não encobre o silêncio, mas o fere, deixando-o exposto em sua radicalidade.

De acordo com Tavares (2012), as obras de arte ocupam também um lugar importante na teoria de Lacan, ao lado de outros campos do saber que dialogam com a psicanálise, como a linguística, a lógica e a topologia, entre várias outras matrizes. Esses campos, segundo o autor, “[...] vêm revolucionar o estatuto conceitual e estrutural da Psicanálise.” (TAVARES, 2012, p. 20)

Safatle (2017) observa que, embora Lacan não apresente casos clínicos em seus escritos, ele recorre frequentemente às criações artísticas para pensar questões centrais da prática psicanalítica. Como o autor explica, no ensino lacaniano “[...] há um recurso massivo às artes, em especial à literatura, ao teatro e à pintura, que acaba por desempenhar a função de descrever e, muitas vezes, de induzir processos que podem operar na clínica.” (SAFATLE, 2017, pp. 71-72)

Essa interlocução entre arte e psicanálise levou Lacan “[...] a repensar os modos de subjetivação disponíveis à clínica a partir de uma certa configuração da reflexão estética sobre a arte” (SAFATLE, 2006, p. 274). Ao longo de seu ensino, é possível notar o quanto a literatura foi uma presença constante, abrangendo autores de estilos muito diversos de Edgar Allan Poe a Marguerite Duras, passando por Shakespeare, Sófocles, o Marquês de Sade, Claudel, entre outros.

Lacan (2016, p. 429) afirma: “[...] já não podemos considerar a obra de arte como uma transposição, ou sublimação [...] da realidade. Já não se pode dizer que ela opera na imitação”. Se a arte não é apenas uma sublimação ou um espelho da realidade, resta perguntar: de que modo ela opera para a psicanálise lacaniana? Safatle (2006, p. 272) lembra que não há uma única resposta, pois “[...] há, em Lacan, dois regimes de recurso psicanalítico à arte.”

O primeiro desses regimes “[...] estrutura-se em torno do problema do estatuto próprio ao objeto estético em sua irredutibilidade” (SAFATLE, 2006, p. 273). Nesse contexto, Lacan busca “[...] coordenadas que lhe permitam compreender a especificidade da formalização estética e de seus modos de subjetivação” (Idem). Esse regime se evidencia em suas reflexões sobre temas como a sublimação, a visibilidade da imagem estética e a função da letra.

O segundo regime diz respeito à investigação do desejo (Safatle, 2006). Nessa perspectiva, a arte é compreendida como “[...] um espaço de organização de uma gramática do desejo” (Ibidem), e o material estético é interpretado como “[...] desvelamento da gramática do desejo” (Ibidem). Safatle (2006) identifica esse movimento nos comentários e leituras de Lacan sobre obras literárias como *A carta roubada*, de Edgar Allan Poe; *O balcão*, de Jean Genet; *O despertar da primavera*, de Frank Wedekind; e *Hamlet*, de Shakespeare.

Considerações finais

As reflexões desenvolvidas neste artigo evidenciam a presença da arte e da literatura nas teorias de Freud e Lacan, destacando as diferentes maneiras pelas quais a estética se manifesta em suas obras. Em Freud, a relevância das produções artísticas se expressa no papel da literatura como referência epistemológica e como recurso para a elaboração de conceitos fundamentais da psicanálise, como se observa na relação entre *Hamlet* e o complexo de Édipo. Já em Lacan, as obras de arte funcionam como um meio de pensar o desejo e os modos de subjetivação, articulando-se à reflexão estética que atravessa todo o seu ensino.

A aproximação entre psicanálise e literatura revela, assim, um terreno comum: ambas lidam com a incompletude da linguagem. Como observa Mezan (2014), **a literatura não serve à psicanálise** apenas como ilustração de conceitos, mas como um espaço de interlocução que amplia sua compreensão da experiência humana. A palavra, seja na cena analítica, seja na criação literária, atua como um rasgo que perfura o silêncio do indizível e, ao fazê-lo, não o apaga, mas o reinscreve em uma nova forma simbólica.

Desse modo, psicanálise e literatura convergem na tarefa de dar forma ao inominável da experiência subjetiva. Freud já havia reconhecido nos escritores a capacidade de dizer o que a ciência ainda não podia nomear; Lacan, por sua vez, encontra na própria estrutura da linguagem a condição de existência do inconsciente. A palavra literária pode expor o silêncio que habita o sujeito.

A palavra que rasga o silêncio não é aquela que elimina o vazio, mas a que o torna sensível, legível e, portanto, transmissível.



Ano 1. 1º Semestre de 2026. Edição 1.

Referências

- BIRMAN, J. (1991). **Freud e a interpretação psicanalítica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará,
- CHAVES, E. (2021). O paradigma estético de Freud. In: FREUD, S. **Arte, Literatura e os Artistas**. Belo Horizonte: Autêntica.
- COUTINHO JORGE, M. A. (2022). **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**: Vol. I: As bases conceituais. 3. ed. RJ: Zahar.
- FINGERMAN, D. (2017). Psicanálise e Literatura em Lacan. **Revista Cult**, São Paulo, v. 20, n. 8, p. 44-45.
- FREUD, S. (2014). A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial. In: _____ Obras completas volume 17: **Inibição, sintoma e angústia**, o futuro de uma ilusão e outros textos (P. C. L. de Souza, trad., pp. 124-230). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- FREUD, S. (2019). **A interpretação dos sonhos**. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- FREUD, S. (2021). O poeta e o fantasiar. In: FREUD, S. **Arte, Literatura e os Artistas**. BH: Autêntica.
- FREUD, S. (1996). **Delírios e sonhos na “Gradiva” de Jensen**. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (2015) **Moral sexual ‘cultural’ e o nervosismo moderno**. São Paulo: Companhia das Letras.
- IANNINI, G. (2016). Atitude científica e pensamento estético em Freud. **Viso: Cadernos de estética aplicada**, 10(19), 111-121.
- IANNINI, G. (2024). **Freud no século XXI**: Volume I: o que é psicanálise? Belo Horizonte: Autêntica.
- KAFKA, F. (2005). **O processo** (1925). São Paulo: Companhia das Letras.
- KOYRÉ, A. (2011). Orientação e projetos de pesquisa. In: _____ **Estudos de história do pensamento científico**. Rio de Janeiro, RJ: Forense.
- LACAN, J. (1985). **O Seminário, livro 2, O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. RJ: Zahar.
- LACAN, J. (1998). **Escritos** (1966). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (2016). **O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- LACAN, J. (2003). Homenagem a Marguerite Duras pelo Arrebatamento de Lol V. Stein. In: LACAN, J. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LISPECTOR, C. (1998). **A paixão segundo G.H.** (1964) Rio de Janeiro: Rocco.
- LOUREIRO, I. (2006) Luzes e sombras: Freud e o advento da psicanálise. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. Portugal. (Orgs.). **História da psicologia**: rumos e percursos. 2. ed. Rio de Janeiro: Nau. pp. 371-386.
- MEZAN, R. (2014). **A sombra de Don Juan**: ensaios de psicanálise e literatura. São Paulo: Companhia das Letras.

- PROUST, M. (2006). **No caminho de Swann**. 3. ed. São Paulo: Globo.
- RABATÉ, J.-M. (2017) Psicanálise e literatura: por que, hoje? **Trivium: Estudos interdisciplinares**, v. 9, n. 2, p. 162-171.
- SAFATLE, V. (2006). **A paixão do negativo**: Lacan e a dialética. São Paulo: Editora Unesp.
- SAFATLE, V. (2017). **Introdução a Jacques Lacan**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- TAVARES, P. (2007). **Freud e Schnitzler**: sonho sujeito ao olhar. São Paulo: Annablume.
- TAVARES, P. (2012). **Fausto e a psicanálise**: sopros de sinthome na força do pactário. São Paulo: Annablume.
- TEODORO, E. F. ; CHAVES, W. C. (2023). Neiko-erótica: a literatura erótica contemporânea à luz da psicanálise freudiana. **Ágora**. Rio de Janeiro. v. XXVI.

[1] Coordenadora do Núcleo de Investigação e Pesquisa em Psicanálise e Arte da Sociedade Psicanalítica Online. Mediadora do Clube de Leitura da SPO e do Clube de Leitura Freud & Shakespeare. Psicanalista Clínica. Mestre em Educação. Contato: marilda.piccolo@gmail.com

Estudo de Caso

Um sonho sem face

Laís Pereira [1]



No início do mês de abril de 2025, completaram-se dois anos trabalhando com violência de gênero. Nesse período, presenciei muitas histórias e muitas formas diferentes de encarar cada uma delas. Já vi mulheres sem ter para onde ir. Outras, sem ter dinheiro para alimentar a si e aos filhos. Já ouvi relatos suicidas e já vi a morte abraçada com o desejo em um olhar. Já ouvi vozes que não sabiam que existiam, visto que elas nunca tinham sido ouvidas antes. Já vi corpos que foram violados muitas vezes e de múltiplas maneiras, mas, de alguma forma, encontram um caminho para se manterem inteiros. Já vi mulheres sem perspectiva alguma dando um reset na vida e começando outra vez. Já presenciei muita coisa.

Às vezes, no fim do dia, meus músculos doem e meus ombros são compostos por muitos nós rígidos. Por vezes, senti mal-estar físico e psicológico depois de um dia de atendimento. Certo dia, despertei assustada antes do alarme tocar, pois estava sonhando. Mesmo no sonho, sabia que estava sonhando. Eu era uma espectadora. Assistia a uma mulher – sem rosto e sem características bem estabelecidas – que foi convidada à uma festa luxuosa, mas ela não tinha dinheiro. Então a perguntaram se ela toparia um desafio. Desafio aceito. Ao entrar na festa, haviam pessoas ricas, bem vestidas, se alcoolizando e mascaradas por todo canto. Também haviam cartas de baralho espalhadas pelo chão com pistas e eram todas destinadas a ela. Era um jogo de adivinhação, volvido por luxo, mistério e adrenalina. Um jogo perigoso e sedutor, na mesma medida.

Cada pista desvendada a levava a um local. Ela descobriu, tarde demais, que proporcionalmente ao avanço, a sedução era substituída pelo medo. Ao avançar do jogo, surgem escadas nas quais ela desce com pressa, como quem foge de alguém. Essas escadas são muito longas, descem em espiral e, olhando de cima, parecem não ter fim. Como um poço que não se enxerga o fundo.

Infelizmente, a mulher do meu sonho descobriu o fundo desse poço e seus olhos não gostaram do que viram. Era um galpão precário, de pouca luz, paredes rebocadas e sem cor. O chão era frio e não tinha piso. Só haviam colunas e muitas pessoas espalhadas. O luxo havia dado lugar ao lixo. As pessoas que transitavam pelo local eram mulheres à serviço e homens usufruindo dele (ou seria delas?). Essas mulheres eram facilmente diferenciadas. As que estavam bem arrumadas, vestidas com trajes sexys, muita pele à mostra e com saltos no pé, estavam trabalhando. As outras estavam sujas, com roupas rasgadas, dentes podres e cabelos embolados. Essas últimas já haviam terminado seus serviços. Descansavam no crack.

Eu enxergava através do olhar da mulher do meu sonho, sentia seus sentimentos, mas sabia que não era ela. Sabia – mesmo inconsciente – que essa história era contada por uma outra pessoa. Eu não era a protagonista, mas conseguia sentir tudo. Eu não vivenciei tudo aquilo denunciado no sonho, mas sou mulher. Conheço essa dor – contada e compartilhada por tantas.

Finalmente, a mulher consegue sair daquele local. Mas ela tinha visto demais e os donos da festa queriam cobrar a conta. Ameaçaram sua família, sua própria vida e a vida dos seus foi colocada em risco. Ela saiu do local, mas o local não saiu dela. Eu saio dos atendimentos, mas eles não saem de mim. Essas mulheres podem conseguir sair da situação de violência que vive, mas a violência nunca vai sair delas. A mulher do meu sonho, sem rosto e sem características bem estabelecidas, representa muitas mulheres que não se sentem protegidas. Ela me representa também.

Proteção é luxo. A busca por ela – principalmente em nome do amor e da ameaça de sua perda – pode levar uma mulher ao lixo. Todo aquele glamour do sonho era uma maquiagem que escondia a podridão vivida no submundo ao fim das escadas. As máscaras tampam a visão do que acontece debaixo dos narizes, mas não é mesmo interessante olhar. Ela protege o espectador que se agarra à sua ignorância.



O fundo do poço estava abaixo de pessoas que compactuam com a violência e se calam. É confortável estar no topo, na garantia de uma segurança frágil, envolto pelo luxo da hipocrisia. Por fim, quem paga essa conta percebe que ela é muito mais cara que o ingresso da festa. E não tem volta.

[1] Psicóloga social, atuante com mulheres vítimas de violência; Psicanalista; Coordenadora do Espaço Transmissão e do Núcleo de Sexualidade Contemporânea pela SPO. E-mail: lais-pereira-05@live.com

Relato de Experiência

Supervisão como ato de transmissão: um caso, muitos olhares

Daniel Gostautas [1]



É muito difícil encontrar alguém, entre psicanalistas em formação, que não tenha se deparado com o tripé da formação. A famosa conjunção de análise pessoal, aprendizado teórico e supervisão de caso parece ser a garantia de que essa mistura produziria um analista, afinal, o pai da psicanálise fala sobre essa necessidade e, algum tempo depois, a mesma se tornaria condição para formação dos psicanalistas.

No entanto, a mistura também considera a qualidade dos ingredientes e acabamos por entrar em um campo sombrio para avaliar do que são feitos cada um dos pés, e, se análise, transmissão e supervisão também são exercidas por analistas, temos um sem-fim de fatores que se apresentam. Mas aqui vale olharmos para um dos pés, a supervisão, considerando muito mais o que se faz e se produz do que quem realmente o realiza.

Por uma primeira impressão, é possível buscar a supervisão com propósitos avessos à psicanálise. Aversos, pois não se trata de uma supervisão de estagiários em psicanálise ou residentes, como na medicina, mas analistas não formados, não porque não completaram um curso com seus módulos, mas simplesmente porque não se formarão nunca e somente estarão em atendimento quando se autorizarem a fazê-lo, considerando a firmeza dos outros dois pés.

A supervisão não acolhe o equívoco no processo de formação do analista, não pode ser mercantilizada na venda casada de horas para apropriação do certificado e nem ser pensada como uma atividade de correção de procedimento, nem como sugestão de atuação, ou mesmo nos encontros em grupo como uma partida de detetive. Assim, a supervisão começa a clarear sua proposta, ainda que muito contrária à demanda de boa parte dos supervisionandos, não produz frustração ou decepção, mas verdade.

A análise tem apego à verdade, onde um par se forma para que possa aparecer algo que, ainda que esteja presente, carece de ser colocado em fala pelo analisando que desconhece seu saber e suas relações e motivações. Na supervisão, algo de verdadeiro também deve vir à cena, e, pelo olhar de comparação com a sessão de onde emerge o sujeito que pode tomar nova posição, do outro emerge o analista, com sua bagagem teórica, e sua trajetória de análise pessoal, em franca construção daquilo que podemos chamar de desejo do analista.

Aqui está o começo de um grande desafio a ser enfrentado nos encontros de supervisão, sejam individuais ou em grupo. Na cena que se estabelece encontramos o sujeito de suposto saber que nos remete ao *setting*. Diferente do analista que responde às demandas no silêncio que colocam o analisando em livre associação, revelando o sujeito barrado, ou na posição do Outro para, pela interpretação, trazendo o reconhecimento de um saber, o supervisor no silêncio remeterá o supervisionando a um dos pés fundamentais, a análise pessoal, enquanto suas pontuações evidenciarão o pé do estudo da teoria.

Essa dinâmica carece de ser lida por aquele que fala e traz o caso para ser apreciado, com suas surpresas e elaborações, mas muito pelos outros que, na posição de ouvintes, estão inseridos na cena de nascimento de uma clínica. Na angústia de estenderem as mãos em socorro ao parto, expõe, em fala, questões e sugestões, os seus próprios pés do tripé, como que em uma sessão em grupo.

A resistência de sair do conforto ilusório do discurso no imaginário que se estabelece na fala do analisando, de quem se apropria de um saber, e como mestre remete ao analista, também encontra o paralelo na supervisão. No relato, que mais vale falado pelo supervisionando do que escrito, encontramos alguém que se alinha ao discurso de seu próprio analisando, afirmando, como testemunha da história, um reproduzidor da demanda, como se repassasse a queixa para outro de suposto saber da causa.

Aqui está o corte para que, na pontuação, se localize o apego ao imaginário de sentido único e encontre o simbólico com o duplo sentido, tão afetado pelo real do sem sentido. Os olhares dos ouvintes redobram e o silêncio parece remeter cada um a suas escutas individuais, ao seu *setting*, como se visitado para além do tempo, às atenções flutuantes que faltaram nas sessões.

Mas onde estaria a atuação que ajuda na identificação da estrutura, ou mesmo no que podemos chamar de direção de tratamento? É justamente quando se coloca em pauta, pelas diversas horas de supervisão, o que deseja um analista. Se é realmente que haja análise, que prossiga o processo proposto desde a entrevista inicial, o encontro com a oposição do processo condena que não há outra resistência à análise a não ser a do analista. Presos ao que o analisando nos fala, não encontramos sua relação com o próprio desejo. O não dito deve ganhar o protagonismo, mas escutá-lo somente se torna possível pela dialética do desejo, pelo desalienar a demanda do desejo.

Ainda que técnico, o processo que nos possibilita localizar uma estrutura que organiza os conteúdos e leituras da experiência do analisando, com suas repetições e gozo, é do analista, em sua capacidade de se desprender do seu eu, ou seja, é da sua análise e da teoria e não apenas de um saber fazer.

Das possibilidades de transmissão, a supervisão é a que mais promove o giro do sujeito analista. É se colocando em escuta nas análises que se avança o processo gerador da clínica e emerge o que se iniciou e progride no processo analítico pessoal. O início dos atendimentos promove dores, dúvidas, temas para análise e retorno aos livros. Se não fosse assim, não seria psicanálise.

[1] Psicanalista, Professor e Supervisor, pós graduado em Psicopatologia, Psicanálise e Clínica Contemporânea, pós graduado em Ensinos à Distância, Coordenador de Cartéis pela SPO, Coordenador de Seminários pela SPO, Coordenador do Nuamce. Contato: danielgostautas@gmail.com

Artigo

O Discurso do Capitalista na Hiperconectividade: O Algoritmo, o Mais-de-Gozar e a Produção do Sofrimento pelo Excesso

Marco Antonio Milleo de Oliveira Junior ^[1]



Resumo

Este artigo investiga a articulação entre o sofrimento psíquico contemporâneo e a cultura digital sob a perspectiva da psicanálise freudiana-lacanianana. Analisa-se a lógica estrutural que opera por trás dos dispositivos digitais e o modo como o Discurso do Capitalista, introduzido por Lacan, (1992) captura a subjetividade. A tese central é que a racionalidade neoliberal — que forja o sujeito como um "empresário de si" — utiliza a cultura digital para disseminar o imperativo de gozo ilimitado. O artigo argumenta que o capitalismo de vigilância e as *big techs* subvertem a lógica freudiana da renúncia pulsional, impulsionando o sujeito a uma busca insaciável por satisfação. Essa busca incessante é movida pelo Mais-de-Gozar (*plus-de-jouir*), uma satisfação excessiva e compulsiva. Ao negar a falta estrutural do sujeito, o sistema o lança em um ciclo vicioso de consumo e insatisfação, no qual o Objeto *a* (causa do desejo) é mercantilizado pelos algoritmos em forma de produtos prontamente consumíveis. Essa inversão intensifica o mal-estar e fragiliza os laços sociais, culminando em patologias do excesso, como a ansiedade, a compulsão e o *burnout*. O sujeito é, paradoxalmente, consumido pela própria lógica que prometia completude. A clínica psicanalítica, nesse cenário, reafirma-se como um campo de resistência, oferecendo espaço para a emergência da falta e a restauração da dialética do desejo.

Palavras-chave: psicanálise; capitalismo; mal-estar na cultura; subjetividade contemporânea.

Abstract

This article examines the malaise in digital culture under the logic of capitalist discourse from a Freudian-Lacanian psychoanalytic perspective in dialogue with the philosophical and sociological critique of neoliberal rationality, seeking to understand the subject's subordination. It analyses how surveillance capitalism, driven by Big Techs, shapes behavior and promises illusory happiness through consumption. It is argued that capitalist discourse subverts Freud's logic of instinctual renunciation, pushing the subject into an insatiable pursuit of satisfaction. This pursuit is driven by *jouissance*, an excessive and compulsive form of satisfaction that, paradoxically, produces suffering. By denying the subject's structural lack, the system compels him to race for the *plus-de-jouir*, thus intensifying malaise and weakening social bonds. The subject ultimately ends up being consumed by the logic of consumption that promised completeness.

Keywords: psychoanalysis; surveillance capitalism; malaise in culture; contemporary subjectivity.

Introdução

O tempo presente é marcado por uma aceleração tecnológica que impõe um desafio a qualquer análise. O ritmo da cultura digital torna o momento atual um "tempo do depois" no avanço tecnológico. Neste cenário de mutação vertiginosa, a vida cotidiana e os laços sociais são reconfigurados por um ambiente hiperconectado, forçando o sujeito a uma readequação constante e a uma performance ininterrupta.

Este artigo se propõe a investigar a articulação entre o sofrimento psíquico contemporâneo e a cultura digital, utilizando o arcabouço teórico da psicanálise. Longe de reduzir o sofrimento a uma mera consequência do avanço tecnológico, buscamos analisar a lógica estrutural que opera por trás dos dispositivos, especialmente o modo como o Discurso do Capitalista, introduzido por Lacan (1992), para responder a captura na subjetividade, insere a subjetividade em uma dinâmica de insatisfação crônica.

A tese central é que a racionalidade neoliberal — ao forjar o sujeito como um "empresário de si" — encontra na cultura digital o veículo perfeito para disseminar o imperativo de gozo ilimitado. Esta exigência constante de satisfação e de produção de *Mais-de-Gozar* excede o *Mal-Estar* freudiano, resultando em novas formas de sofrimento, como a ansiedade, a compulsão e o *burnout*.

Diante disso, a questão que orientou esta pesquisa foi: Como a captura do sujeito pelo Discurso do Capitalista nas redes digitais se articula com o imperativo do consumo e a produção da insatisfação constante que caracteriza o sofrimento contemporâneo?

A psicanálise oferece uma via de resposta. Desde Freud, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (2011), o campo aponta para os fatores inconscientes que predisõem o sujeito para a submissão à massa e, na atualidade, à lógica do mercado. Para Lacan (1992), a formalização dos discursos estabelece as matrizes fundamentais do laço social. Argumentamos que a eficácia do Discurso do Capitalista na contemporaneidade reside em sua capacidade de mercantilizar a falta estrutural, oferecendo o Objeto *a* (causa do desejo) como um produto do monitoramento digital e a predição prontamente consumível.

Do Sofrimento: Racionalidade Neoliberal e Cultura do Desempenho

A análise psicanalítica do sofrimento contemporâneo exige, primeiramente, o reconhecimento do pano de fundo que modela a subjetividade, isto é, a racionalidade neoliberal. Definido por Dardot e Laval (2016) como mais do que uma política econômica, o neoliberalismo constitui uma racionalidade que estrutura a própria conduta e o modo de governo sobre os indivíduos. Sob esta ótica, o sujeito é internalizado e forçado a operar segundo o princípio universal da concorrência, convertendo-se em um capital humano a ser constantemente otimizado. O sujeito, assim, assume o imperativo de ser um "empresário de si".

Essa lógica exige que a pulsão seja investida como uma mercadoria a ser valorizada. A vida se torna uma incessante gestão de recursos e *performance* no mercado, onde o valor social é determinado pela eficácia e pela constante entrega de resultados ao sistema.

Essa racionalidade opera por meio de dispositivos, como definido por Agamben, (2009), em um conjunto de mecanismos (leis, arquiteturas, discursos e tecnologias) que têm a capacidade de "capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes" (Agamben, 2009, p.40). Os dispositivos digitais e o aparato algorítmico das redes sociais são o exemplo mais pungente dessa lógica de captura na atualidade.

Na cultura do desempenho, o fracasso não é mais lido como uma falha do sistema, mas como uma responsabilidade individual. A culpa recai sobre a má gestão do "capital humano" (a falta de disciplina, de *mindset* ou de otimização dos recursos internos), gerando uma pressão interna que se manifesta como sofrimento.

Essa lógica de sujeição ao desejo do Outro (a rede, o algoritmo, o mercado) prepara o terreno para a análise psicanalítica. É neste contexto de captura incessante, onde a falta é rechaçada e o imperativo de gozo é onipresente, que a psicanálise deve intervir, apontando para a maneira como o Discurso do Capitalista subverte o laço social e aliena o sujeito em uma busca frenética pelo Objeto *a* digitalizado.

Mal-Estar e o Deslizamento do Gozo

Para a Psicanálise, o sofrimento não é um mero produto das contingências sociais, mas uma dimensão estrutural da civilização. Freud, em *O Mal-Estar na Civilização* (2010), estabelece que a vida em comunidade é sustentada pela renúncia pulsional. A cultura, enquanto aparato de proteção, exige uma troca. O sujeito sacrifica uma parcela do seu gozo em nome da segurança e dos laços sociais. Ao pagar o preço por essa renúncia, emerge o Mal-Estar como algo inerente à condição humana.

Contudo, a racionalidade neoliberal e o ambiente digital promovem um deslizamento neste pacto fundamental. O sujeito contemporâneo se depara não com a exigência de renúncia, mas com o imperativo do gozo. A ordem imperativa passa a ser "Goza!", que se manifesta na incessante busca por prazer, *performance* e satisfação imediata oferecida pelo consumo e pelas redes digitais.

A Estrutura da Falta e o Objeto *a*

Podemos encontrar, na teoria psicanalítica em Lacan, a formalização da falta como a dinâmica a partir do desejo. O desejo é estruturalmente marcado pela falta (Lacan, 1960/1998). O sujeito, ao entrar na linguagem (no campo do Outro), é clivado (Sujeito Barrado, \$), e a falta (a castração simbólica) é o motor que o impulsiona na busca por aquilo que foi perdido. O objeto dessa busca, irrecuperável e causa do desejo, é o Objeto *a* (Lacan, 2005).

O Objeto *a* é um resto inapreensível, a causa do desejo que a linguagem e o corpo não conseguem capturar. É a própria materialidade da falta que move a busca pela satisfação (Quinet, 2023).

Na lógica do Discurso do Mestre, o Objeto *a* opera na posição de produto do trabalho (S_2), ou seja, é aquilo que escapa ao Mestre (S_1) e que ele tenta reaver. No entanto, o Discurso do Capitalista (analisado na próxima seção) opera uma subversão radical, subversão tal que impacta diretamente a posição do Objeto *a* na contemporaneidade em dois grandes pilares principais.

Primeiramente, o Discurso do Capitalista atua na exploração da falta, isto é, ao apresentar como é capaz de preencher a falta, promovendo a ideia de que a satisfação plena é atingível mediante o consumo adequado (de produtos, *likes*, experiências, *status*) (Kellermann, 2023).

Em seguida com a mercantilização do Objeto *a*, a causa do desejo, é transformado em uma oferta de mercado digital. Os algoritmos, ao mapearem o desejo do sujeito por meio dos dados gerenciados por *Big Data*^[2], forjam objetos específicos (o próximo produto, o próximo vídeo, a próxima notificação) que prometem saciar a falta (Souza Leite, 2022).

Essa promessa, inerentemente falsa por atacar uma falta estrutural, gera um ciclo vicioso em busca da satisfação que, por sua vez, se faz sempre parcial, portanto, a busca deve recomeçar imediatamente, impulsionada pelo que Lacan chamou de Mais-de-Gozar.

O Discurso do Capitalista e o Mais-de-Gozar: A Etiologia do Sofrimento na Cultura Digital

O Mais-de-Gozar (*plus-de-jouir*) lacaniano estabelece uma homologia crucial com o conceito marxista de mais-valia. Assim como o capitalista extrai a mais-valia (o valor excedente não pago ao trabalhador), o sistema neoliberal extrai o Mais-de-Gozar do sujeito, transformando o esforço e a insatisfação em capital (Lacan, 1968-1969/2008).

Na cultura digital, o Mais-de-Gozar é produzido não apenas pelo consumo de bens, mas pela produção incessante de dados e *performance*, como o *like* que precisa ser dado e recebido, o *post* que precisa ser escrito e disponibilizado na rede, o corpo que precisa ser otimizado, o *status* que precisa ser mantido. O sujeito se esgota na tentativa de atender a essa demanda do Outro, que exige a entrega de um gozo extra em troca de uma promessa falsa da sensação de completude.

O sofrimento contemporâneo, portanto, reside nesse excesso. Não é mais o sofrimento da renúncia como postulava Freud (2010), mas o sofrimento do imperativo de gozo. O sujeito, capturado na roda-viva da produção do Mais-de-Gozar, é levado à exaustão psíquica e à angústia da falta que persiste, mesmo em meio à superabundância de objetos digitais.

Essa inversão radical é o cerne do Discurso do Capitalista, cuja análise detalhada é o foco da próxima seção.

Em sua teoria, Lacan postula quatro discursos fundamentais (Mestre, Universitário, Histérico e Analista) que estruturam o laço social. O Discurso do Capitalista, por sua vez, é apresentado por Lacan como uma mutação (Lacan, 2025) desses laços, quebrando o laço social e forcluindo a castração (Quinet, 2023), e invertendo o mecanismo fundamental da verdade e do agente. É nesta subversão em relação aos outros discursos formadores de laços que reside a chave para a compreensão do sofrimento na contemporaneidade digital.

A formalização do Discurso do Capitalista por Lacan surge como o ponto de convergência deste trabalho, sendo a estrutura que melhor explica a captura do sujeito na contemporaneidade. Este discurso, introduzido no *Seminário 17: O Averso da Psicanálise* (1992), como uma mutação do Discurso do Mestre, ou seja, “confere ao discurso do mestre seu estilo capitalista” (Lacan, 1969/1970/2008, p.178).

Embora Lacan se aproprie do conceito do capitalismo, tal como demarcado por Karl Marx no século XIX, essas vertentes podem ser delimitadas conceitualmente. Assim, esse artigo não tem o objetivo de explorar o conceito do capitalismo enquanto política e posição econômica, pois compreendemos que tantos outros pesquisadores de áreas como sociologia e economia já o fizeram com muita propriedade e profundidade. Este estudo pretende isolar o termo para que se possa trilhar a lógica de Lacan no caráter psicanalítico como apresentado por Soler.

Evidentemente, o capitalismo não veio de Lacan. Se interrogarmos sobre as condições do capitalismo, pode-se dizer que há duas grandes condições, para não dizer duas grandes tetas, que são, de um lado, a ciência — o capitalismo vem depois da ciência, que permitiu passar os modos de produção artesanal para outros modos de produção — e, de outro lado, a Revolução Francesa, que desfez a ordem do Antigo Regime. Marx, um dos que mais colocaram em causa a Revolução Francesa — que suscitou e continua a suscitar muitos discursos, com sua promoção dos direitos do homem — mostrou que ela também promoveu o regime de exploração capitalista, ou pelo menos que ela abriu o período de desenvolvimento da exploração capitalista. É resumir grosseiramente a tese de Marx sobre a Revolução Francesa (Soler, 2011, p.56).

Esse discurso emerge como a combinação dos Discursos do Mestre (pela ordem e comando) e do Universitário (pelo saber técnico e científico), sendo criado para dar conta da nova lógica de produção e circulação do mais-de-gozar na cultura. Essa nova lógica se fundamenta na homologia estrutural estabelecida por Lacan entre a mais-valia de Karl Marx (o valor excedente do capital) e o mais-de-gozar (o excedente de gozo subtraído do sujeito).

Sob a perspectiva psicanalítica a principal característica deste pensamento é a ruptura com a regulação do gozo inerente aos demais discursos, apresentando-se como uma estrutura que se sustenta pela promessa de satisfação e insaciabilidade.

O Discurso do Capitalista não resulta de um simples deslizamento de um quarto de giro (como nos demais discursos), mas de uma torção radical na estrutura do lado esquerdo do matema. Sua principal característica é que ele rompe com o laço social e é o único que não apresenta a impossibilidade, pois, segundo Quinet (2021), este fluxo do discurso rejeita a castração em sua escrita formal, instituindo um ciclo vicioso de produção e consumo rompendo a relação do agente com o outro.

A fórmula do Discurso do Capitalista se formaliza na torção das posições de maneira que o Sujeito Dividido (\$) assume a posição do agente, porém agora sobre a verdade do Mestre como S_1 :

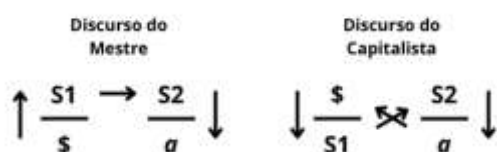


Figura 1 - Discurso do Mestre e Discurso do Capitalista

A inversão estrutural e a ausência das setas que antes direcionavam o Agente ao Outro se desdobram nas seguintes posições.

O Agente, como sujeito (\$), passa a ser promovido como consumidor e é quem assume o comando, mas não por autonomia, e sim por um imperativo de gozo na posição da Produção em forma de mercadoria, direcionado pelas setas em $a \text{ ® } \$$. O sujeito é impulsionado a sempre querer mais pela causa de desejo, servindo como motor para o funcionamento do sistema.

A verdade toma o elemento Mestre como S_1 , passando a ser a verdade de sofrimento subjetivo do sujeito dividido como agente. Esse movimento fornece informações para o Saber que se encontra do outro lado do matema, em síntese, a direção de $S_1 \text{ ® } S_2$, um significante que reitera a ordem do sistema, “produza isso para que resolva minha fala”.

O saber (S_2) da ciência e da tecnologia ocupa o lugar do Outro, que já não passa mais a ser comandado diretamente pelo agente. Como, por exemplo, as *Big Data* e os algoritmos por eles sintetizados a partir das capturas de dados, fornecendo o conhecimento necessário sobre as vontades do sujeito para que o sistema produza mercadorias como Objeto a .

A cultura digital funciona como o motor que viabiliza a lógica do Mais-de-Gozar na contemporaneidade, dando corpo e concretude ao Objeto a que o neoliberalismo promete. O algoritmo é o dispositivo que materializa o Saber (S_2) na matriz do discurso.

A relação entre o capitalismo e as ferramentas de vigilância aplicada na cultura, promovem cenários favoráveis à extração de dados comportamentais dos usuários na rede, como o conceito Capitalismo de Vigilância cunhado por Zuboff (2021), em que a estratégia da vigilância está em consumir a experiência humana nas redes como matéria-prima para a produção de produtos e serviços, e, além, existe um restante dessa captura que ela caracteriza por superavit comportamental, ou seja, além da utilização para a criação de ofertas, mas um montante de dados do sujeito, que, na atualidade, pode assumir o adjetivo de petróleo contemporâneo. A riqueza dessas informações, quando processadas em sistemas de inteligência artificial, geram dados que antecipam – com precisão – o comportamento de consumo do sujeito no mercado.

Os sistemas de *Big Data* e o capitalismo de vigilância (Zuboff, 2021) mapeiam o desejo do sujeito, transformando-os em dados preditivos. Essa engenharia de dados permite ao algoritmo, ao conhecer o desejo do sujeito antes mesmo que ele o formule conscientemente, apresentar o Objeto *a* na forma de produtos perfeitamente direcionados, por exemplo: o próximo *match* no *app*; a notificação que prende a atenção. O Objeto *a*, a causa do desejo, é transformado em produto.

Assim, garantindo o ciclo vicioso do produto digitalizado, este é imediatamente consumido (o *swipe*^[3], o *scroll* infinito^[4]). Contudo, por não ser o objeto perdido (causa estrutural da falta), a satisfação é instantânea, mas efêmera. O sistema garante que a satisfação nunca seja plena, impulsionando o sujeito a consumir mais. Esse consumo compulsivo e insatisfatório é a própria produção do Mais-de-Gozer.

Portanto, na produção do Outro no lado esquerdo do matema, o Objeto *a* como Mais-de-Gozer, a mercadoria é o destinatário desse agente, o sujeito (\$). A mercadoria e o gozo que ela promete se apresentam como o objeto que o sujeito deve consumir, resultando na inversão da dialética, isto é, o sujeito é forçado a correr atrás do objeto que o comanda.

Cada forma de laço social tem sua maneira de ligar com o mais-de-gozar – sendo o discurso capitalista o mais explorador e abolidor do sujeito na medida em que enganosamente coloca a mercadoria no lugar de objeto causa de desejo induzindo ao gozo ilimitado do consumo e à produção generalizada da mais-valia e da falta-a-gozar. (Quinet, 2021, p.17)

A consequência crítica dessa fórmula é a forclusão da castração. Enquanto os outros discursos fomentam o laço social a sua maneira, o discurso do capitalista é explorador e abolidor do sujeito na medida que coloca mercadorias induzindo o gozo ilimitado pelo consumo (Quinet, 2021). O capitalismo promete objetos que podem ser alcançados, que anulariam a falta estrutural e institui um sistema vicioso e sem limite, fabricando um “[...] sujeito animado pelo desejo capitalista.” (Quinet, 2023, p.59)

A essa presença maciça da ciência na cultura contemporânea se soma a força do capitalismo, fazendo com que a aliança entre o discurso do capitalista e o discurso da ciência se torne o motor que permite forjar inovações em todas as vias que levem ao consumo. O discurso do capitalista se alia sem hesitação a toda tendência que favoreça e multiplique o ganho [...] sua difusão estrepitosa reflete o empuxo-ao-gozo promovido pelo capitalismo, que localiza nelas o objeto ideal, já que garantem uma receita fixa, e crescente, como nenhum outro objeto de consumo. (Coutinho Jorge; Travassos, 2021, p.14)

O funcionamento do Discurso do Capitalista demonstra que ele não se contenta em regular o gozo, como os demais discursos, ele busca absorvê-lo e transformá-lo em motor incessante. Para isso, o Discurso do Capitalista precisa realizar uma operação no campo da estrutura com a forclusão da castração como afirma Quinet,

O discurso do capitalista não é um laço social que regulariza, como o discurso do mestre. Sua política é a liberal, do neoliberalismo, do cada um por si e um contra todos, já que o sol não brilha para todos. O discurso do capitalista não é regulador, ele é segregador. A única via de tratar as diferenças em nossa sociedade científica capitalista é a segregação determinada pelo mercado: os que têm ou não acesso aos produtos da ciência. Trata-se, portanto, de um discurso que não forma propriamente laço social, mas segrega. (Quinet, 2023, p.60)

Na teoria, a castração, a falta estrutural e a impossibilidade do gozo total, é o preço da entrada do sujeito na linguagem e na cultura. É essa falta que gera a renúncia pulsional para que a cultura se institua (Freud, 2010). Contudo esse sistema, ignora e desconsidera essa falta estrutural, oferecendo ao sujeito a ilusão do acesso direto ao Objeto *a* e à satisfação plena.

Ao tentar tapar o furo da castração, o Discurso do Capitalista substitui a ordem paterna: da "Renúncia!"; pelo imperativo feroz "Goza!". O sujeito obedece, portanto, a essa nova lei pelo consumo incessante, buscando na mercadoria a promessa de completude.

Essa ordem paradoxal de gozo, pois o Objeto *a* nunca satisfaz de fato, cria um ciclo vicioso no matema que é infinito e sem laço social. Resumindo o sujeito (\$), impulsionado pelo imperativo do consumo encontra um Objeto *a* que é sempre insatisfatório, e, então, o sujeito é relançado imediatamente ao consumo de um novo Objeto *a*. Assim, a característica da ausência de limite e a produção incessante do mais-de-gozar resultam em um ciclo interminável, fazendo do sujeito (\$) um elemento descartável que é instantaneamente relançado ao consumo, garantindo que a máquina nunca pare.

Essa característica de reprodução infindável da insatisfação é o que consolida a estrutura contemporânea de captura, confirmando a análise de Zizek (2024), com o capitalismo, sendo a ordem social que incorpora em seu funcionamento o paradoxo básico do desejo humano, cuja finalidade não é atingir um objetivo último, mas sim "[...] reproduzir a sua própria interminável autorreprodução de forma cada vez mais ampliada" (Zizek, 2024, p. 336). O Discurso do Capitalista, em sua versão contemporânea e digital, encontrou nos algoritmos e no *Big Data* o instrumento para operacionalizar, armazenar, analisar e gerenciar dados massivos e entrega de produtos personalizados sob o imperativo do gozo. Como no Discurso Universitário, o Saber (S_2) da ciência e da tecnologia na posição de Agente:



Figura 2 - Discurso Universitário

Dessa forma, o Saber (S_2) da ciência e da tecnologia, que na matriz do Discurso Universitário opera como agente, no Capitalista passa a ser o Outro que direciona o Mais-de-Gozar. Contudo, esse saber constante, gerado a partir de coletas algorítmicas, não serve para educar ou organizar a *polis*; sua única função é produzir e personalizar o Objeto *a* que será oferecido ao sujeito. O *gadget*, a notificação, o *like* ou o *feed* perfeitamente curado tornam-se o mais-de-gozar forjado, criado sob medida para mimetizar a falta específica de cada sujeito.



Figura 3 - Detalhamento Discurso Capitalista

A lógica eficiente do capitalismo se apropria da estrutura de perda do gozo e a transforma em motor econômico. O saber preditivo (S_2) sobre o desejo garante que o sujeito (\$) será constantemente bombardeado por *gadgets* que prometem, momentaneamente, tapar o furo da castração.

É nesse ponto que se fortalece a tese de que o Discurso do Capitalista é a estrutura contemporânea que explica as condições de possibilidade da captura digital, ao retirar o sujeito do laço social e dirigi-lo a uma relação dual e viciosa com o Objeto *a*. Dessa forma, o ciclo de produção, consumo e insatisfação se mantém na cultura, com o sujeito sendo o principal insumo descartável e relançado ao consumo.

A captura pelo Discurso do Capitalista, na cultura digital, gera um sofrimento que se manifesta na esfera clínica como patologias do excesso e do vazio. Com a ansiedade e a compulsão, o sujeito vive sob a pressão de estar constantemente produzindo (dados, *likes*, *posts*) para se manter visível e "valorizável" no mercado de si. A interrupção é impensável, pois a parada significa a perda do *status* e a não produção do Mais-de-Gozar. A compulsão ao *scroll* infinito é a manifestação mais clara do gozo que não sabe se satisfazer e que exige repetição.

Ao rejeitar a castração e prometer a plenitude, o Discurso do Capitalista retira do sujeito a possibilidade de dialetizar sua falta. O vazio, que deveria ser o espaço para a emergência do desejo, é preenchido artificialmente pela oferta de objetos. Quando o sistema falha, o que emerge é a angústia, o afeto que não engana e que surge quando o Objeto *a* se torna palpável (Lacan, 1962/1963). O sujeito se depara com a sua finitude e com a falta que o sistema tentou sufocar.

O imperativo de desempenho (ser feliz, estar conectado, otimizar-se) é internalizado ao máximo (Dardot & Laval, 2016), desencadeando no sujeito com *burnout*, atuando como seu próprio mestre, levado à exaustão. O *burnout* (esgotamento), comum na contemporaneidade, é o colapso físico e psíquico do "empresário de si" que não conseguiu atender à demanda infinita de produção de Mais-de-Gozar.

O Discurso do Capitalista, portanto, opera na cultura digital como uma máquina que transforma a falta estrutural em insatisfação crônica e o desejo em compulsão (Zizek, 2024). O sofrimento contemporâneo é a resultante clínica do sujeito que, iludido pela promessa de gozo ilimitado, se depara com a impossibilidade de satisfação e a exaustão da própria pulsão de vida.

Considerações finais

O presente artigo buscou investigar a etiologia do sofrimento psíquico na contemporaneidade, propondo que a chave para tal compreensão reside na análise do Discurso do Capitalista, operando em simbiose com a cultura digital.

A análise demonstrou que o Discurso do Capitalista não é apenas uma estrutura econômica, mas uma racionalidade que captura o sujeito ao forçá-lo à posição de "empresário de si". Esta racionalidade encontra no aparato digital o seu mais eficiente veículo de propagação, onde os algoritmos e os dispositivos de vigilância atuam como o novo Saber (S_2), produzindo e direcionando o Objeto a para o consumo imediato.

A mutação estrutural promovida pelo Discurso do Capitalista — a subversão da dialética dos discursos e a forclusão da castração — tem uma consequência clínica direta: a transição do sofrimento da renúncia na cultura para o sofrimento do imperativo de gozo. O sujeito, sob a ordem de "Goza!" e de ser incessantemente produtivo, é exposto a uma demanda inesgotável que mina sua estrutura. A insatisfação crônica, a compulsão digital e a exaustão (como o *burnout*) são as manifestações deste excesso que tenta, sem sucesso, preencher a falta estrutural com o Mais-de-Gozar digitalizado.

Ao rechaçar o limite (a castração), o Discurso do Capitalista tenta instalar a ilusão da completude, mas acaba por gerar uma Angústia ainda mais virulenta. O gozo produzido é um gozo vazio e repetitivo, que exige mais e mais produção de dados e *performance*, confirmando que o sistema capitalista consegue transformar até a insatisfação do sujeito em mais-valia.

Neste cenário de captura, a psicanálise se reafirma como um campo de resistência e intervenção. Diante de um sistema que busca anular a falta e tamponar o desejo com objetos prontos, a clínica psicanalítica oferece o espaço para a emergência da falta. De acordo com Quinet, o Discurso do Analista é o estilete cortante no capitalismo, pois seria este o único discurso que faz laço, posicionando o sujeito no lugar do outro.

A psicanálise é antcapitalista na medida em que denuncia a forclusão da castração desse pseudo laço social que nega a falta constitutiva da subjetividade, chamada castração, acoplando porcarias e bobagens aos sujeitos como bens de consumo promovendo assim a degradação do objeto a subsumindo-o a objetos produzidos pela tecnociência. Ela se opõe, portanto, à redução do sujeito a um consumidor idiotizado pelo marketing e ao engodo do capital como se fosse a verdade do ser falante. O discurso do analista é seu estilete. (Quinet, 2021, p.48)

O processo analítico não consiste em adaptar o sujeito à lógica do desempenho ou em fornecer ferramentas para otimizar sua produção de Mais-de-Gozar. Pelo contrário, o objetivo é restaurar a dialética do desejo e permitir que o sujeito se confronte com o seu Objeto *a* como causa de desejo, e não como produto a ser consumido. É na análise da transferência, na escuta do singular que o sujeito pode se desalienar da máquina do Discurso do Capitalista, reescrevendo seu sofrimento em uma lógica que não seja a do excesso e da busca pelo gozo.

A relevância deste artigo, portanto, reside em mobilizar o rigor conceitual de Lacan para dar luz ao sofrimento na cultura digital, posicionando a psicanálise não apenas como uma teoria clínica, mas como uma teoria crítica do laço social na contemporaneidade.

Referências

- Agamben, G. (2009). *O que é um dispositivo? E outros ensaios*. Argos.
- Coutinho Jorge, M. A., & Travassos, N. P. (2021). *Histeria e Sexualidade: clínica, estrutura, epidemias* (Zahar).
- Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal* (1º ed). Boi Tempo.
- Freud, S. (1921). (1921/2011) Psicologia das massas e análise do eu. Em *Obras completas volume 15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)* (1º ed). Cia das Letras.
- Freud, S. (1930). (1930/2010) O mal-estar na civilização. Em *Obras completas volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. (1º ed). Cia das Letras.
- Kellermann, M. (2023). *Entre o like e o burnout: Reflexões psicanalíticas* (1º ed). Blucher.
- Lacan, J. (1960). (1960/1998) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. Em *Escritos* (1º ed). Zahar.
- Lacan, J. (1972). (1972/2025) *Do discurso psicanalítico - conferência em Milão* (12 de maio 1972). <https://pt.scribd.com/document/730304272/FRAGMENTO-LACAN-Jacques-O-Discurso-Psicanalitico-Conferencia-Em-Milao-1972>
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970)* (1º ed). Zahar.
- Lacan, J. (2005). (1962-1963/2005) *O Seminário, livro 10: a angústia* (1º ed). Zahar.

- Lacan, J. (2008). *(1968-1969) O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Zahar.
- Quinet, A. (2021). *A política do psicanalista: Do divã para a pólis*. (1º ed). Atos e Divãs Edições.
- Quinet, A. (2023). *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia: Vol. Versão Kindle* (2º ed). Atos e Divãs.
- Soler, C. (2011). O Discurso Capitalista. *Revista Stylus: A política do sintoma I*, 55–67.
- Souza Leite, P. C. B. (2022). *O mal-estar na civilização digital* (1º ed). Blucher.
- Zizek, S. (2024). *Mais-gozar: Um guia para os não perplexos* (1º ed). Vozes.
- Zuboff, S. (2021). *A era do capitalismo de vigilância: A luta por um futuro humanona nova fronteira de poder* (1º ed). Intrínseca.

^[1] Bacharel em Filosofia. Mestrando em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida / RJ

ORCID Id: <https://orcid.org/0009-0004-1548-4906> E-mail: mmilleo@gmail.com

^[2] A *big data* é um conjunto de tecnologias criadas para armazenar, analisar e gerenciar dados massivos.

^[3] *Swipe* significa deslizar o dedo na tela de um dispositivo eletrônico, para a esquerda, direita, cima ou baixo, para navegar entre conteúdos como fotos e páginas.

^[4] *Scroll* infinito é uma técnica de design de interação em que o conteúdo é carregado dinamicamente na página à medida que o usuário rola para baixo, eliminando a necessidade de clicar em botões para carregar novas páginas. Essa abordagem é comumente usada em redes sociais, como Instagram e TikTok, para manter o usuário engajado por mais tempo, mas pode levar a problemas de atenção e produtividade

Resenha Crítica

Livro: *Análise*, Vera Iaconelli.

Resenhista: Marilda Piccolo



IACONELLI, Vera. (2025). **Análise**. Rio de Janeiro: Zahar.

O Analista no divã

O livro *Análise*, de Vera Iaconelli, é o representante ideal do título desta resenha. Como indica a própria sinopse editorial:

Numa prosa de caráter literário e extremamente íntimo, Vera evoca a história de sua família, a morte de dois irmãos, sua relação com os pais, seus namorados ou maridos, suas filhas, seus analistas. Enquanto reflete sobre suas angústias e seus sintomas, vai costurando suas próprias interpretações, atrelando memória, história social e psicanálise.

A obra pode ser lida como um Relato de Análise, forma tradicional de transmissão nos círculos psicanalíticos, na qual nós, psicanalistas, compartilhamos com nossos pares o percurso de nossa própria análise. Mas *Análise* também se expande para além desse formato: trata-se igualmente de um livro de memórias. Vera entrelaça suas recordações pessoais ao percurso no divã, às marcas da história familiar e à construção de sua trajetória profissional, compondo um texto que se inscreve no gênero literário conhecido como Livro de Memórias.

Esse gênero se caracteriza pela narração de eventos, experiências e lembranças a partir da perspectiva subjetiva do autor. São relatos atravessados por impressões, sentimentos e reflexões sobre o vivido, o que confere à escrita três traços essenciais: **subjetividade, foco na experiência pessoal e tom autobiográfico**.

O eixo central de *Análise* é o relacionamento entre Vera e seu pai, mas o livro é, igualmente, sobre a relação da autora com a vida. A figura paterna aparece marcada por um vínculo intenso com a bebida; a mãe, por sua vez, surge como alguém que “[...] se perdeu para um casamento [...]”, enquanto os filhos buscam seu próprio lugar no mundo. A vida, assim, surge como resposta para muitas das perguntas que também encontram eco na análise.

A autora esclarece que o livro nasce como produto do processo de elaboração de seu próprio final de análise, oferecendo um destino diferente a certos resíduos desse percurso. Ao fazê-lo, convida o leitor a refletir sobre as heranças e marcas deixadas pelas relações familiares: pais, mães, avós, filhos e demais parentes, muitas vezes atravessadas por violências e agressões, como é o caso da própria Iaconelli.

Vera conclui que existe um caráter curativo em poder narrar a própria história e refletir sobre as heranças familiares que carregamos. Nesse sentido, o processo analítico revela-se uma poderosa ferramenta de descoberta diante do emaranhado de memórias. Para a autora, é fundamental desidealizar a psicanálise, compreendendo-a nem como panaceia nem como algo banal: “Não é nenhuma das duas coisas. É uma ferramenta, uma forma de tratamento, é uma teoria, ela tem essa potência, que não é infinita.”

Iaconelli enfatiza ainda a importância do diálogo entre a psicanálise e outros saberes, como a sociologia, a antropologia, a filosofia, a história e a arte. Para ela, “[...] a psicanálise é um saber entre outros, mas ela tem um recado para dar. Não é uma bobagem.”

Ao rememorar as demandas que a conduziram à análise, Iaconelli destaca a centralidade da família:

Porque a família é um encontro complicado entre pessoas diferentes, com interesses diferentes, num moedor de carne do patriarcado, dentro de uma lógica burguesa, do cada um por si, ela é uma estrutura muito complicada. Então poder falar disso me ajudou a elaborar muitas coisas, ajudou meus pacientes a elaborarem muitas coisas e teve esse caráter curativo.

A autora amplia essa reflexão com uma dimensão propriamente psicanalítica:

[...] nenhum de nós teve uma percepção muito fácil da nossa infância e adolescência, enfim, mas cada um, por razões distintas, isso é muito lindo, porque isso está, inclusive, no Lacan, quando ele fala que a verdade tem estrutura de ficção. A verdade mais preciosa minha, que é a minha verdade, ela não só é uma ficção que eu faço do que eu vivi, como ao longo do tempo ela muda.

Ao final, emerge a questão da arte, dimensão que Lacan também reconhece como necessária à existência humana: “Lacan vai dizer que tem um ponto a partir do qual a análise não alcança mais e que a existência humana precisa da arte, porque a gente não consegue nomear a nossa existência.”



Espaço Cultural

Crônica

QUANTO VALE UM PEQUI “RUÍDO”[4]

Marilda Piccolo



O Tocantins tem seu próprio tempo. Tem a hora “depois que o sol esfriar” ou a “na boca da noite”. Tem o tempo do caju, das mangas e do pequi. O tempo do caju é em setembro, resultado de uma única chuva em agosto, a “chuva do caju”. O tempo das mangas refere-se à época dos asfaltos esburacados, porque já choveu demais. Para o interior, o tempo de manga é tempo de engordar menino, a cada sensação de brocado, o garoto sobe em uma mangueira e cata uma manga que sai comendo com o suco amarelo escorrendo no queixo, mãos e braços...

Mas o tempo que reina soberano sobre todos os tempos tocanntíneos é o tempo do pequi. Alheio às tecnologias de irrigação, de quebra de dormência para plantação ou até mesmo à inteligência artificial (que tenta desvendar seus mistérios) o fruto (sim, pequi é um fruto!) segue o maioral do cerrado. No final do mês de setembro e início de outubro, começamos a sentir no ar um cheiro entre doce e pungente: chegou a época do pequi.

O pequi tem sua chuva própria também, muito mais importante que a do caju, pois para o pequi ser bom (saboroso, carnudo e não amargar) a chuva do ano anterior tem que ter sido abundante: chuva de cavalo beber em pé. Continuando suas exigências de majestade, a árvore do pequi precisa do calor tocanтинense, da quentura do cão, para se estressar e gerar seus frutos. A árvore do pequi é uma lady monarquista com ímpetos de ditadora e com diversos critérios para dar o ar da sua graça e entregar seus filhos à população.

Quando o pequi cai (é necessário aguardar o pequi cair, pois não se colhe o fruto, se cata) os tocanтинenses vão adentrando as breves matas de cerrado (caindo na braquiara), ou mesmo no meio da rua, rastreando o fruto desejado com faro de perdigueiro, localizando e catando. Depois: mutirão de descascar pequi, o fruto exige que se retire a casca para que se possa ter acesso ao ouro. Aquele cheiro mencionado começa a se tornar um cheiro de comida: cru; cru com farinha de puba; cozido simples; feito no arroz; feito no frango caipira...

Curiosidades: O pequi é aquele produto que se ama ou se odeia, não há meio termo. No Tocantins não se compra pequi, cata-se ou ganha-se. O Tocantins teve a grata satisfação de ter um processo contra um de seus habitantes por ter esclarecido que o presidente (2018/2022) não vale um pequi ruído.

[1] Psicanalista. Coordenadora do Núcleo de Investigação e Pesquisa em Psicanálise e Artes da Sociedade Psicanalítica Online. Mestre em Educação Brasileira (UFG). Contato: marilda.piccolo@gmail.com

[2] *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*, 1932.

[3] No sentido de análise psicanalítica.

[4] Contemplada com o prêmio OffFlip 2023.

Agradecimentos

A realização da primeira edição da (RE)Vista - Periódico da Sociedade Psicanalítica Online marca não apenas a concretização de um projeto editorial, mas a inauguração de um espaço de interlocução, escuta e produção de saber no campo da psicanálise contemporânea.

Expressamos nosso mais sincero agradecimento a todos os colaboradores que, com rigor teórico, sensibilidade clínica e compromisso ético, confiaram seus textos a esta publicação. Cada escrita aqui reunida é testemunho de um trabalho implicado com a transmissão da psicanálise e com os desafios que atravessam nossa prática no presente.

Aos leitores, dirigimos igualmente nossa gratidão. É na leitura, sempre singular e aberta, que este projeto encontra sua continuidade e seu sentido. Ao acolherem esta primeira edição, vocês se tornam parte fundamental dessa rede que sustenta o laço psicanalítico para além dos limites institucionais e geográficos.

Que esta revista possa seguir como um espaço vivo de elaboração, questionamento e encontro.

Nosso muito obrigado.

Equipe Editorial

(RE)Vista – Periódico da Sociedade Psicanalítica Online

Expediente

Sociedade Psicanalítica Online



@sociedadepsicanaliticaonline



(22)998391755



periodicorevistaspo@gmail.com



sociedadepsicanaliticaonline@gmail.com